



IVENA

ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

CADERNO

2

MEMÓRIAS DO IV ENA

SENTIR, PENSAR E AGIR:
O PROCESSO PREPARATÓRIO

E56m Encontro Nacional de Agroecologia (4.: 2018:
 Belo Horizonte)
 Memórias do IV Encontro Nacional de
Agroecologia : agroecologia e democracia unindo
campo e cidade. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2021.
872 p. : il. color. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87116-33-8

1. Agricultura - Brasil - Congressos. 2.
Ecologia agrícola - Brasil - Congressos. 3.
Agricultura sustentável - Congressos. 4.
Democracia - Brasil - Congressos. I. Articulação
Nacional de Agroecologia (Brasil). II. Título.

488 630.27450981



BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

MEMÓRIAS DO IV ENA

**SENTIR, PENSAR E AGIR:
O PROCESSO PREPARATÓRIO**

CADERNO 2

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento *Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA)* seja citado como fonte.

A versão eletrônica deste documento está disponível no site www.enagroecologia.org.br, onde também se encontram materiais complementares sobre o IV ENA, incluindo vídeos, fotos, reportagens e painéis de facilitação gráfica.

MEMÓRIAS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

CADERNO 2

Sentir, Pensar e Agir: o processo preparatório

Coordenação editorial

Flavia Londres

Sistematização, redação e edição

Angélica Almeida

Marcelo Almeida

Natália Almeida

Revisão técnica

Flavia Londres

Denis Monteiro

Viviane Brochardt

Revisão de texto

Consultexto, Gilka Resende, Hugo Maciel

Projeto gráfico, capa, tratamento de imagens e diagramação

Mariana Fonseca

Ilustração de capa

Letícia Abelha

Fotos

Arquivo Cobertura Colaborativa do IV ENA: Ana Flávia, Angélica Almeida, Aquiles Castro, Caio Santos, Camila Teixeira, Carú Dionísio, Cecília Figueiredo,

Cintia Barenho, Clara Comandolli de Souza, Cris Guimarães,
Cristiane Machado, Dowglas Silva, Eduardo di Napoli, Eliane Barros,
Élida Galvão, Eudes Costa, Fábio Maciel, Gilka Resende, Gisele Ramos,
Guilherme Assis, Helena Zelic, Ian Lara, Indi Gouveia, João Marcos Nunes,
Juliano Vilas Boas, Kayke Quadros, Laira Carnelós, Leandro Bugni,
Leonardo Koury, Lucas Abaporã Bois, Luiza Damigo, Luna Layse Almeida,
Márcio Andrade, Marlene Antônia, Maysa Leão, Nádia Nicolau, Natália Alves,
Nívea Martins, Paolo Marti G. P. de S. Viola, Paulo Castiglioni, Pedro Kolping,
Pedro Lovisi, Raiane Mechetti, Robervania Cunha, Sandra Ribeiro,
Sídivaldo Júlio Raimundo, Thaynara Policarpo, Tony Marlon, Upslon,
Viviane Brochardt e Wanessa Marinho.

Contribuições para o Caderno 2

Angélica Almeida, Anna Crystina Alvarenga, Antonio Dias, Bruna Pardini,
Christina Grupioni, Cristiane Oliveira, Danúbia Gardênia, Denis Monteiro,
Fernando Rangel, Flavia Londres, João Sobral, Júlio Pacheco, Laura Barroso,
Leosmar Antônio, Lorena Anahi, Luana da Silva Freitas, Luísa Melgaço,
Luiz Filho, Marcelo Almeida, Mariana Fonseca, Míriam Nobre,
Natália Almeida, Raro de Oliveira e Rute Santos

Os textos do Caderno 2 foram elaborados e revisados coletivamente durante a Oficina de Imersão – Cadernos do IV ENA, realizada em dezembro de 2018. Essa oficina reuniu cerca de 20 pessoas representantes das supercomissões de trabalho, da secretaria executiva e das plenárias do IV ENA (mulheres, juventudes e indígenas), além da Secretaria Executiva da ANA e da equipe de sistematização dos cadernos. Algumas pessoas não participaram da oficina, mas contribuíram posteriormente com a revisão dos textos.

Tiragem

450 exemplares

SUMÁRIO

07

MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA
CONSTRUIR VITRAIS

14

A IDENTIDADE DOS CADERNOS:
MEMÓRIAS DAS MULHERES

09

APRESENTAÇÃO DO IV ENA
MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR

15

QUEM SÃO AS MULHERES
QUE INSPIRAM O QUADRO

11

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO:
COMO OS CADERNOS ESTÃO
ORGANIZADOS?
APRESENTAÇÃO DO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO E DO
CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

17

COMO USAR ESTES CADERNOS?

19

O PROCESSO PREPARATÓRIO DO IV ENA

12

MAPA DOS CADERNOS

20

COMISSÕES ORGANIZADORAS
DO IV ENA

21

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

25

SUPERCOMISSÕES DE TRABALHO

22

COMISSÃO ORGANIZADORA ESTADUAL

26

FINANÇAS E INFRAESTRUTURA

23

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

32

ALIMENTAÇÃO

24

NÚCLEO EXECUTIVO DA ANA

36

FEIRA SABERES E SABORES E PRAÇA
DE ALIMENTAÇÃO AGROECOLÓGICA

24

SECRETARIA EXECUTIVA DA ANA

41

BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO

25

SECRETARIA EXECUTIVA DO IV ENA

44

SAÚDE

48

CIRANDA INFANTIL

50

COMUNICAÇÃO E CULTURA

55

FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE

57

ENCONTROS PREPARATÓRIOS

58

ENCONTROS REGIONAIS

66

MOBILIZAÇÃO NAS REGIÕES

69

MOBILIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE

74

MAPA GERAL DAS COMISSÕES

76

APRENDIZADOS

76

SENTIR, PENSAR E AGIR

77

RECADOS, PARTILHAS
E DESAFIOS COLETIVOS

79

ANEXO

79

ORGANIZAÇÕES QUE
CONVOCARAM O IV ENA

MEMÓRIAS DO IV ENA

JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS



AQUI ESTÃO REUNIDAS ALGUMAS MEMÓRIAS DE UM PROCESSO DIVERSO, DESCENTRALIZADO E PLURAL QUE OCUPOU E COLORIU AS RUAS DE BELO HORIZONTE (MG), MAS QUE, SOBRETUDO, MOBILIZOU DIFERENTES TERRITÓRIOS DO PAÍS.

Segundo Ecléa Bosi — mulher estudiosa das histórias e das recordações —, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

E foi a partir de muito trabalho coletivo que esta publicação ganhou corpo; um trabalho desafiador de reconstruir os vitrais¹, os fios e os diversos caminhos percorridos na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Ecléa fala da memória, essa capacidade de conservar, lembrar e percorrer o vivido. Após 17 anos do nosso encontro no Rio de Janeiro (RJ), 12 anos depois do nosso encontro no Recife (PE) e 4 anos após o nosso encontro em Juazeiro (BA), realizamos novamente, em um contexto político tão desafiador, um processo nacional iluminado por um movimento descentralizado e coletivo.

Mesmo que você não tenha estado presencialmente no IV ENA, o convite aqui é para que escolha um lugar no Parque Municipal de Belo Horizonte para estar e para, pelo menos por alguns minutos, permitir-se algumas sensações. Ainda que nem todas e todos conheçam as ruas e os contornos da capital mineira, a terceira maior metrópole do país, é possível, de alguma forma, ouvir os tambores e ver as cores das bandeirolas entre árvores e bambus; é possível também contemplar e se maravilhar com a diversidade de pessoas, de saberes, de sabores, de “esperançares” vindos de norte a sul do Brasil.

Se esteve presente, procure a primeira memória, quem sabe a mais forte, a que mais emocionou você, e, a partir dela, percorra os momentos vividos durante aqueles dias. Sente-se, feche os olhos, respire fundo e deslize pelas páginas a seguir revivendo os

1. O subtítulo deste texto tem inspiração no texto Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais, de Elza Falkembach (disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos,%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf).

gostos e cheiros, lembrando os abraços dos reencontros, os sorrisos e acenos vindos de longe, do outro lado da multidão.

Essa diversidade fez de Belo Horizonte território de encontro para celebrar resistências e afirmar nossa força coletiva. Mesmo sem ter estado fisicamente no IV ENA, é possível sentir o coração aquecer e pulsar pela agroecologia, pela democracia, pela terra e pela defesa de tantos direitos ameaçados.

Organizada em sete cadernos, a sistematização do IV ENA é, assim, um convite para que possamos reviver e nos reencontrar com pessoas, sentimentos, desafios, denúncias, potências e muitos outros processos que compuseram um balaio diverso de atividades e lembranças.

Com a certeza de que qualquer mergulho neste processo seria incompleto, nossa sistematização foi artesanal. Exigiu bricolagens, novas pesquisas e escutas, idas e vindas aos vídeos e às fotos. Esforços grandes, mas seguros de sua incapacidade de retratar a riqueza de momentos, processos e conteúdos tão diversos e imersos em distintas complexidades e cuidados.

Este conjunto de cadernos é um presente à cidade de Belo Horizonte, que acolheu de braços abertos a construção desse território agroecológico e que se desafiou, neste contexto político e financeiro tão adverso, a receber muito mais de 2 mil pessoas no

Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no Plug Minas e em vários cantos, casas e praças. É também um presente aos territórios, às mulheres, às juventudes, aos povos e às comunidades tradicionais que, com força e coragem, fizeram do IV ENA um sonho possível.

A capa de cada caderno, suas ilustrações e seu percurso de construção representaram desafios que compartilhamos com muito cuidado. Esperamos que este conjunto de cadernos desperte, remexa e conecte as memórias e as experiências que cada uma e cada um carrega, além de fortalecer os anúncios que as organizações, os coletivos e os movimentos sociais envolvidos neste bonito processo desejam visibilizar.

Em tempos de tantos retrocessos, desafios e medos, em que nossas memórias estão sendo apagadas, partilhar histórias tecidas pelo povo na construção de alternativas aos modelos predatórios de produção de alimentos e da vida nos parece um dos nossos compromissos políticos e pedagógicos na construção da nossa resistência.

Mais à frente, os textos apresentam melhor o IV ENA e o processo coletivo que tornou possível esta publicação. Desejamos um ótimo passeio pelas nossas memórias.

Com muito carinho,

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

APRESENTAÇÃO DO IV ENA

**MUITOS ENCONTROS,
UM TRANSBORDAR!**

BELO HORIZONTE (MG) PRESENCIOU, ENTRE OS DIAS
31 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 2018, A CULMINÂNCIA DE
UM INTENSO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA AGROECOLOGIA E
DA DEMOCRACIA CONSTRUÍDO POR MÚLTIPLOS ATORES QUE
COMPÕEM A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA)
NOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIOAMBIENTAIS DO BRASIL.

Evocando os 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988 e em torno do lema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) reuniu, na capital mineira, mais de 2 mil participantes, além de aproximadamente 40 mil moradoras/es, que visitaram os espaços abertos do evento.

Corpos, cores, cheiros, sotaques, sabores, quereres e saberes de todos os estados brasileiros ocuparam o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, ganhando centralidade, em meio à profusão de experiências, ao protagonismo das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo, das florestas, das águas e das cidades. Enredadas/os na mesma construção do bem viver, marcaram presença no encontro povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es,

faxinalenses, agricultoras/es familiares rurais e urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e de povos de terreiro. Também participaram técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países da América Latina, do Caribe e da Europa.

Com 70% do público composto por agricultoras/es familiares, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o IV ENA aconteceu com participação paritária entre mulheres e homens, valorizando, de forma expressiva, a presença das juventudes.

Ao longo dos seus quatro dias de realização, a programação do Encontro contou com mais de 100 atividades, incluindo plenárias, seminários temáticos, tendas com instalações artístico-pedagógicas dos territórios, vivências e oficinas autogestionadas. Também foram promovidos a *Feira Saberes e Sabores*, a *Feira da Agro biodiversidade*, o *Espaço da Saúde*, a *Ciranda Infantil* e apresentações artístico-culturais.

A efervescência de todo esse caldo político e cultural ganhou as ruas de Belo Horizonte em um ato público em favor da agroecologia e da democracia, seguido de uma farta partilha no *Banquete Popular Agroecológico*, que selou o Encontro.

Não só nos dias do IV ENA, mas também nos encontros regionais, estaduais e locais preparatórios, a expressão dessa construção coletiva, descentralizada e diversa reverberou nos diferentes territórios, dando visibilidade às experiências de sujeitos que resistem denunciando as ofensivas do modelo de desenvolvimento dominante e anunciando a potência dos

seus modos de existir, produzir e de defender o bem viver.

Para preservar a memória desse rico processo que transbordou nos dias do IV ENA e que permanece gerando frutos, preparamos uma coletânea de registros que conta os desafios e aprendizados desse importante fórum de agroecologia e seus legados para o movimento agroecológico brasileiro. São cadernos que trazem as vozes e diversidades da agroecologia, com o propósito de fazer emergir diferentes pautas, sentidos políticos, convergências e disputas travadas em torno da sustentabilidade da vida.

Esperamos que esta leitura possa despertar o desejo de um Brasil cada vez mais agroecológico — no pleno sentido do projeto de sociedade engendrado pela Articulação Nacional de Agroecologia e por seus sujeitos —, bem como inspirar e animar iniciativas diversas de construção de outra realidade possível: justa, democrática e solidária!

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito.

Ecléa Bosi

Neste processo de construção das memórias do IV ENA, a sistematização como um potente processo de registro, organização de conteúdo e de partilha sensível dos nossos aprendizados coletivos tornou-se para nós uma oportunidade de colher histórias e registros para além da feitura de um relatório.

Estes cadernos nasceram da preocupação da Secretaria Executiva e do Coletivo Nacional de Comunicação da ANA em construir um documento acessível, lúdico e com um investimento afetivo e técnico que pudesse partilhar um material com capacidade de diálogo com a sociedade — transbordando nossos campos mais convencionais de comunicação e “falando” para fora das nossas fronteiras de interação.

Com isso, optamos por investir energia em um material didático, no formato de caderno, afastando-nos um pouco da ideia inicial de anais — publicação extensa e co-

mumente usada para registrar encontros e eventos acadêmicos. Arriscamo-nos, assim, a produzir um material interativo, que se desafiasse a estar mais próximo às pessoas e mais presente em nosso cotidiano de trabalho, atuação, estudo e criação.

Cadernos possíveis de rabiscar, recriar, ajustar e comprometidos com esse desafio sempre incompleto de criar “escutadores”, como brinca Ecléa Bosi na epígrafe que abre esta apresentação. Cada relatoria, oficina, conversa, foto e vídeo reabriu uma caixa infinita de histórias. Por isso, temos certeza da incompletude deste material.

Outra aposta foi construir um conjunto de cadernos que impulsionassem outros processos pedagógicos e políticos nos territórios. Cadernos de memórias desenhados para serem disparadores de outras histórias e lembranças, reativando a potência do processo de construção do IV ENA.

Cadernos estes só possíveis pela colaboração de muitas mãos, rascunhados e palavrados por representantes de comissões diversas, em momentos e situações distintas. Esse material começou a ser sonhado coletivamente no Rio de Janeiro, em uma reunião no dia 10 de agosto de 2018, com parte da Comissão Organizadora do IV ENA, e, desde então, envolveu uma equipe composta por quatro pessoas, além da parceria atenta da Secretaria Executiva da ANA. Pessoas que mobilizaram muitas outras, em reconhecimento de que seria impossível sistematizar e expressar a beleza e força do Encontro sem partilhar seus princípios coletivos, descentralizados e diversos de construção.

Assim sendo, dois espaços presenciais mais ampliados foram convocados para reunir múltiplas cooperações: uma oficina sobre a alimentação e o *Banquete* do IV ENA, no dia 26 de outubro de 2018, em Belo Horizonte; e uma oficina de imersão, com pessoas das diferentes comissões organizadoras do Encontro, nos dias 6 e 7 de dezembro do mesmo ano, em Prudente de Moraes (MG), para compartilhar e revisar coletivamente o material até então elaborado, e também para colher complementações. Mantendo ainda, de forma permanente, diálogos virtuais e presenciais com essas/es e outras/os representantes.

MAPA DOS CADERNOS



CADERNO 1 – AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELAÇAM NA ANA

Esse fascículo contextualiza as raízes que sustentam o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e apresenta a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a trajetória dos encontros nacionais para, então, adentrar a experiência do Encontro, sua constituição, sua realização, seus balanços e seus aprendizados.



CADERNO 2 – SENTIR, PENSAR E AGIR: O PROCESSO PREPARATÓRIO

Apresenta o intenso desenrolar de reflexões e ações que resultaram no IV ENA em Belo Horizonte. Além das estratégias, dinâmicas e atividades construídas pelas comissões organizadoras e supercomissões de trabalho, o Caderno 2 traz também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.



CADERNO 3 – O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA: METODOLOGIAS, PROCESSOS COLABORATIVOS E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Partilha aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA, apontando alguns dos seus princípios, e sistematiza em fichas-resumo algumas das diversas atividades que desenharam a programação do Encontro.



CADERNO 4 – SUJEITOS COLETIVOS: PROCESSOS AUTO-ORGANIZADOS E AS PLENÁRIAS NO IV ENA

Apresenta os principais diálogos construídos pelas mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas em seus processos auto-organizados preparatórios ao IV ENA, bem como em suas plenárias ao longo do Encontro.



CADERNO 5 – SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO IV ENA: SEMEANTEIRAS DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Compartilha as experiências e reflexões de 14 atividades temáticas que aconteceram simultaneamente no IV ENA. Os temas que serviram de referência para cada seminário foram escolhidos devido ao potencial de aglutinar debates referentes à construção da agroecologia no Brasil e, dessa forma, catalisar novas aprendizagens e propostas de ação.



CADERNO 6 – A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

Esse é o caderno que colhe os frutos, as memórias, os anúncios e as denúncias que pulsam em diversos territórios. Seminários territoriais construídos a partir das *Instalações Artístico-Pedagógicas* são a matéria-prima dessa publicação, que traz sínteses, em mapas e tabelas, que reúnem as mais de 47 experiências agroecológicas socializadas durante as atividades.



CADERNO 7 – AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Esse caderno fecha ou abre, dependendo do ponto de vista, o ciclo de memórias do IV ENA. Expressa, em imagens, depoimentos, números e emoções, o processo de construção do Encontro e o colorido de seus dias.

A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

O conceito proposto retrata em uma só tela sete mulheres cujas presença e liderança foram essenciais para a construção do IV ENA. A proposta foi de a tela servir como uma obra de arte em si mesma, mas também como ilustrações individuais de capa para os sete cadernos que compõem esta coletânea.

Essas mulheres representam, cada uma a seu modo, o coração do movimento agroecológico no Brasil. Conhecer um pouco de suas vidas e lutas nos últimos meses foi um sopro de esperança no cenário atual, tão propício a retrocessos e tão ameaçador para a vida desta terra que nos sustenta. Uma lembrança oportuna de quem realmente alimenta este país.

A intenção ao retratá-las, além da homenagem a personalidades específicas, é mostrar o rosto real das lutas agrárias, ambientais e sociais no Brasil — o que muitas vezes é perdido em meio aos ainda enraizados preconceitos e institucionalismos. São femininas as mãos que plantam nosso solo; negras, LGBTI+s, quilombolas, indígenas, curandeiras, camponesas e muito mais. Assim tem sido por toda a nossa história, e esse é um pequeno esforço no caminho do reconhecimento e da valorização do povo que verdadeiramente vive pelas terras brasileiras. Não para esgotar seus recursos de maneira predatória e gananciosa, mas para que elas floresçam, prosperem e alimentem com saúde suas filhas e seus filhos.



Esses rostos foram retratados em meio à natureza, que também protagoniza a agroecologia, entre rios, animais e plantas, que são verdadeiras riquezas deste país. Mananciais de vida que a terra tão generosamente oferece e que, nessa delicada e complexa teia socioambiental, tecem a manta necessária para nossa existência. As bandeirolas, as mandalas de sementes e o rio da vida são elementos afetivos

que simbolizaram o IV ENA, lembrando o Encontro construído a muitas mãos, a festa da celebração dos nossos esforços por uma vida mais saudável e harmônica. Um retrato possível do Brasil em suas cores e lutas tão variadas — as quais, nesta vasta extensão territorial, resistem de norte a sul. Que os frutos se multipliquem e que a terra esteja sempre fértil para o plantio de nossas esperanças!

QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

JOANA FERNANDES SEBBEN: representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) da região oeste de Santa Catarina (SC). Joana é uma das entrevistadas do curta-metragem *Mulheres da Terra*, produzido pela Plural Filmes. Ela conta das experiências com sementes e da resistência da mulher camponesa no Sul do Brasil (Capa do Caderno 1).

MAYÓ PATAXÓ: terapeuta indígena da Aldeia Pataxó Nova Coroa (BA). É parceira e liderança em processos terapêuticos nos encontros de agroecologia, principalmente em Minas Gerais, onde anima uma cooperativa voltada aos cuidados, dentre os quais se destaca a Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (Capa do Caderno 2).

JULIANA DE MEDEIROS DINIZ: agricultora urbana de Magé (Região Metropolitana do Rio de Janeiro). É integrante do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj) e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) e criadora, entre tantas magias, da farinha de jiló (Capa do Caderno 3).

AMANDA XUKURU: Amanda Leite Santos tem 24 anos e é mais conhecida no seu povo como Amanda Xukuru. Mora no território indígena Xukuru do Ororubá, na aldeia Capim Planta, na cidade de Pesqueira (PE). Faz parte do coletivo Juventude Xukuru do Ororubá Poyá Limolaygo (*Pé no Chão*). Kursou Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim (PE) (Capa do Caderno 4).

APARECIDA ARRUDA: mais conhecida como Tatinha, cultiva ervas, produz remédios caseiros de plantas medicinais e lanches naturais no Ervanário São Francisco, em Belo Horizonte, e compartilha seus conhecimentos em oficinas e cursos, bem como na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau), da qual participa desde o seu início, em 2004 (Capa do Caderno 5).

DONA DIJÉ: Maria de Jesus Bringelo: mulher quilombola, maranhense, mãe e avó, quebradeira de coco-babaçu e fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); liderança dos povos e comunidades tradicionais, fez sua passagem em setembro de 2018 (Capa do Caderno 6).

ALESSANDRA MUNDURUKU: jovem líder do povo Munduruku na Amazônia brasileira. Alessandra se juntou à luta de sua comunidade por sobrevivência quando esta foi ameaçada pela inundação do projeto da megabarragem da Usina Hidrelétrica do Tapajós, no Pará (Capa do Caderno 7).

COMO USAR ESTES CADERNOS?

*É do presente que parte o chamado
ao qual a lembrança responde.*

Henri Bergson

Ao longo de todos os cadernos, buscamos relembrar a sensível conexão entre discurso e prática. Esperamos que esta publicação possa colorir as prateleiras de organizações, universidades e bibliotecas, mas ir além.

Para nós, partilhar este conjunto de cadernos, desta forma, é mais uma maneira de reforçar a potência da agroecologia de construir novas relações, cuidados, formas de diálogo e ação política.

Listamos brevemente algumas poucas e singelas ideias que podem ser acionadas, além de muitas outras, para que todas e todos nós possamos assumir, nas nossas localidades, colégios, escolas, assentamentos, fóruns, Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e feiras (entre outros muitos espaços nos quais estamos presentes), esse compromisso coletivo de lançar em muitos ventos e terrenos férteis as sementes disseminadas no IV ENA:



enagroecologia.org.br

- Organizar lançamentos dos cadernos em espaços públicos, mesclando a apresentação do material com a exibição de vídeos, com celebrações musicais e gastronômicas.
- Realizar banquetes populares em espaços públicos.
- Fazer *releases* e divulgar o material na imprensa local, em sites e jornais regionais, promovendo entrevistas.
- Utilizar parte do material como referência de estudo em aulas, oficinas e palestras.
- Construir jornais murais síntese dos cadernos e expor nas comunidades rurais e urbanas.
- Promover rodas de mulheres para leitura de seções especiais.
- Elaborar varais, spots de rádio e exposições fotográficas com trechos, imagens e depoimentos dos cadernos.
- Visitar o site **Agroecologia em Rede** e inserir novos relatos e experiências no mapa de anúncios e denúncias.



IV ENA

GROECOLOGIA E DEMOCRACIA
UNINDO CAMPO E CIDADE

O PROCESSO PREPARATÓRIO DO IV ENA

A cada Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) realizado, fica mais evidente que os ENAs não são apenas grandes eventos. São processos de mobilização do campo agroecológico brasileiro. São dinâmicas de construção coletiva, de troca de experiências, de experimentações e apresentações, de acúmulo de aprendizados e de afirmação política da agroecologia.

Assim como nos encontros anteriores, o IV ENA foi caracterizado por um intenso processo preparatório, que durou mais de um ano. A decisão sobre a sua realização se

deu na Plenária Nacional da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), que aconteceu no mês de abril de 2017, em Belo Horizonte (MG), com a participação de representantes de 48 organizações, entre movimentos sociais nacionais e regionais e redes regionais e estaduais, além de representantes de seis grupos de trabalho (GTs) ou coletivos e das organizações que fazem parte do Núcleo Executivo da ANA. O IV ENA foi convocado por esse conjunto de organizações, redes e movimentos sociais, como pode ser conferido no ANEXO deste caderno.



A partir da plenária, várias iniciativas foram realizadas no contexto do processo preparatório do IV ENA. O desafio deste caderno é trazer ao menos um pouco da riqueza, da diversidade e da complexidade do caminho percorrido, que começa na atividade da ANA em abril de 2017, passa pela conformação das comissões de organização e trabalho, pela articulação de parcerias, pela mobilização e captação de recursos, pela realização de atividades territoriais, estaduais e regionais, até chegar ao grande evento, que ocorreu entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2018, em Belo Horizonte.

Ao ler este caderno, quem participou do IV ENA ou de atividades preparatórias poderá reviver algumas das várias experiências que existiram ao longo dessa caminhada e, provavelmente, sentir a falta de outras tantas. Quem não participou poderá perceber como o correr do ENA *embrulhou* tudo. Assim como o correr da vida, descrito por João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*.



"[...] a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza!"

COMISSÕES ORGANIZADORAS DO IV ENA

A amplidão de possibilidades que se abrem quando se decide fazer um evento como o Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) demanda um grande esforço para compreendê-las e colocá-las no centro da análise e da ação coletiva. Assim, tendo em vista a necessidade de estruturar esse movimento contínuo de reflexão, produção de orientações e realização de tarefas, já na Plenária da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em abril de 2017, formou-se uma Comissão Organizadora Estadual do IV ENA em Minas Gerais e uma Comissão Organizadora Nacional, esta última composta por 26 representantes de movimentos sociais nacionais e regionais e de redes regionais, além de representantes da Comissão Organizadora Estadual e do Núcleo Executivo e da Secretaria Executiva da ANA. Foi formada também uma Comissão Executiva Nacional e diversas supercomissões

de trabalho para tratar de questões como finanças, alimentação, infraestrutura, feira, metodologia, saúde, ciranda, comunicação e cultura. Vejam-se, a seguir, as principais atribuições das comissões organizadoras do IV ENA.

COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

A Comissão Organizadora Nacional do IV ENA reuniu-se pela primeira vez em julho de 2017. Durante dois dias de trabalho, foram discutidos e definidos os **objetivos estratégicos e os sentidos políticos** do Encontro. Os **temas mobilizadores** também foram definidos nessa ocasião. O desenho geral do Encontro começou a ser construído e foi consolidada a decisão de realizar o IV ENA no centro de Belo Horizonte, prevendo atividades que pudessem proporcionar diálogos com a população urbana. Com base nos espaços então vislumbrados, começou-se a construir um desenho geral da programação. Tiveram início também as reflexões que levariam à escolha do lema do IV ENA, que viria a ser definido meses depois: *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*.



Foram também discutidas as orientações estratégicas para a realização de cinco atividades regionais preparatórias ao IV ENA, a começar pelo *Encontro Regional Sudeste de Agroecologia* (ERÊ Sudeste), em Belo Horizonte, que já teve nesse momento a data marcada. Nesse encontro, foi também encaminhada a composição de uma Comissão Executiva Nacional, que viria a se reunir muitas vezes até a realização do IV ENA.

Devido a restrições orçamentárias, a Comissão Organizadora Nacional só se reuniu novamente no dia 30 de maio de 2018 — na véspera da abertura do IV ENA. Nesse dia, foi repassada em detalhe a programação do Encontro e foram divididas as tarefas entre os membros da Comissão. Foi também discutido o conteúdo a ser apresentado pela ANA na abertura do Encontro. A Comissão voltou ainda a se reunir no dia 2 de junho, na véspera da Plenária Final do Encontro, com o principal objetivo de construir a Carta Política do IV ENA.

COMISSÃO ORGANIZADORA ESTADUAL

Com a intenção de estruturar em Minas Gerais o processo de reflexão, decisão e execução de tarefas necessárias para a realização do IV ENA, foram formadas duas comissões: a Comissão Organizadora Estadual e a Comissão Executiva Estadual.

A Comissão Organizadora Estadual foi constituída a partir de um amplo chamado às instituições e aos movimentos sociais de Minas Gerais que possuíam atuação em campos convergentes, envolvendo tanto os da agroecologia, atuantes no campo e na cidade, como outros movimentos urbanos. Além disso, essa comissão contou com a participação de pessoas que não representavam organizações, mas que se dispuseram a colaborar ativamente na construção do IV ENA, como ativistas da cozinha, do saneamento ecológico, da educação popular e outros.



As reuniões presenciais e os diálogos virtuais realizados no âmbito da Comissão Organizadora Estadual buscaram compartilhar os avanços na preparação do Encontro, construir coletivamente decisões e fortalecer e conectar os trabalhos das supercomissões. Como característica marcante dessa comissão, houve uma grande rotatividade de representações e pessoas nas reuniões, o que trouxe riqueza e diversidade ao processo, ao mesmo tempo que desafiou a sua continuidade a partir dos acúmulos alcançados.

No caso da Comissão Executiva Estadual, a sua proposta foi a de criar um grupo menor, com cerca de oito representações de diferentes movimentos de Minas Gerais, com o objetivo de facilitar a articulação com os outros grupos envolvidos e também agilizar algumas tomadas de decisões, uma vez que as reuniões da Comissão Organizadora Estadual, pela sua fluidez e seu tamanho, demandavam mais tempo de preparação. Essa Comissão Executiva, no entanto, não se efetivou da forma como foi pensada, pois as dinâmicas cotidianas de trabalho inviabilizaram a sua consolidação no estado.

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

A Comissão Executiva Nacional foi composta pelo Núcleo Executivo e pela Secretaria Executiva da ANA, além de membros da Comissão Organizadora Estadual. Sendo um grupo menor e com maior facilidade de se reunir do que a Comissão Organizadora Nacional, teve papel estratégico na tomada de decisões, definição da programação do Encontro, mobilização de recursos, entre outras tarefas.

Esse grupo se reuniu presencialmente por três vezes entre setembro de 2017 e março de 2018, além de ter realizado algumas reuniões virtuais. Foi esse coletivo que definiu a distribuição de vagas para participantes pelos estados, movimentos nacionais, redes parceiras e convidadas/os. Também foi ele que elaborou a Carta Convocatória para o IV ENA, documento publicado e amplamente divulgado em novembro de 2017.

Dessa comissão, foi destacado um grupo menor com sentido operativo, que se encarregou de tarefas como, por exemplo, a definição do local de realização do Encontro e a priorização do uso dos recursos mobilizados.





NÚCLEO EXECUTIVO DA ANA

À época da realização do IV ENA, o Núcleo Executivo da ANA era composto por 12 pessoas, representantes de quatro organizações e de três redes do campo agroecológico brasileiro — ANA Amazônia, Rede Ecovida, Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, FASE - Solidariedade e Educação, Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais (CAA-NM) e Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop) — e do Grupo de Trabalho Mulheres da ANA (GT-Mulheres). O Núcleo Executivo cumpre o papel de promover leituras coletivas do contexto sociopolítico nacional e analisar suas influências sobre o desenvolvimento da agroecologia; de captar as vozes dos territórios, apreendendo os aprendizados, os desafios e os anúncios que vêm dos grupos, organizações e redes que atuam na promoção da agroecologia em todas as regiões do país; de propor temas prioritários para aprofundamento, estratégias de ação e agendas de mobilização para a Articulação Nacional de Agroecologia; e de dar encaminhamentos às orientações das plenárias da ANA e dos Encontros Nacionais de Agroecologia. O Núcleo Executivo participou intensamente da Comissão Organizadora Nacional e da Comissão Executiva Nacional do IV ENA.

SECRETARIA EXECUTIVA DA ANA

À época da preparação e realização do IV ENA, a Secretaria Executiva da ANA era formada por uma equipe de 4 pessoas, incluindo uma assessora de comunicação e uma assistente-administrativa, que trabalhavam de forma remunerada e com dedicação integral em uma sala cedida pela AS-PTA (que compõe o Núcleo Executivo da ANA) em seu escritório do Rio de Janeiro. A Secretaria cumpre o papel de animar processos de articulação entre movimentos, redes e organizações que fazem parte da ANA; organizar atividades como encontros, reuniões e oficinas de trabalho; captar recursos para atividades da ANA; elaborar, gerir e executar projetos de caráter nacional; entre outros. A Secretaria da ANA participou intensamente de todos os espaços nacionais de organização do IV ENA.

SECRETARIA EXECUTIVA DO IV ENA

A Secretaria Executiva do IV ENA foi composta por 2 pessoas, sendo uma contratada por 12 meses e a outra, por 6 meses, ambas por 40 horas semanais. A composição da Secretaria foi definida a partir da indicação da Comissão Organizadora Estadual, sendo 2 mulheres integrantes de instituições que estavam na organização do Encontro. A Secretaria teve um papel estratégico de mobilização de parcerias e animação das supercomissões. A ONG Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, em Belo Horizonte, abrigou a Secretaria Executiva do IV ENA, o que permitiu a efetividade e a dinâmica de trabalho.



SUPERCOMISSÕES DE TRABALHO

As Supercomissões de Trabalho tiveram um papel essencial na materialização dos desejos e das intenções do IV ENA. E a perspectiva colaborativa, que prevaleceu em todo o processo preparatório, deu o tom necessário à realização dos trabalhos nessas instâncias. Além dos encontros presenciais de cada uma dessas comissões, foram importantes as diversas trocas de telefones, e-mails e grupos de WhatsApp, que permitiram agilizar os combinados e viabilizar o cumprimento das tarefas.

Ressalta-se ainda o empenho militante das pessoas que assumiram as tarefas em cada supercomissão, assim como o esforço constante em conectar as possibilidades construídas em Belo Horizonte com as articulações realizadas nas outras regiões e com as diretrizes definidas nas comissões organizadoras. Confira, a seguir, alguns destaques das supercomissões.

FINANÇAS E INFRAESTRUTURA



Essa comissão teve como objetivo a captação e gestão dos recursos do IV ENA e a projeção e execução da infraestrutura para a realização do Encontro. Sua dinâmica de reuniões inicialmente foi mensal, aumentando a frequência com a proximidade do evento. Às vésperas do IV ENA, foram necessárias reuniões diárias.

No começo da construção do Encontro, as Supercomissões de Finanças e Infraestrutura estavam separadas. No entanto, com o passar do tempo, constatou-se que ambas estavam com poucas pessoas (praticamente as mesmas) e decidiu-se juntá-las. Além do que, após o cumprimento da tarefa de captação de recursos da Supercomissão de Finanças, seu trabalho ficou prioritariamente relacionado à gestão para viabilizar a execução da infraestrutura.

No que diz respeito à Supercomissão de Finanças, é importante destacar a participação da Secretaria Executiva da ANA, que realizou um papel fundamental na captação de recursos e na liberação de um profissional da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que, juntamente com a equipe financeira da Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, dedicou-se à gestão dos recursos disponíveis para o IV ENA.

Outro destaque importante foi a incorporação, a essa Supercomissão, de uma equipe contratada para realizar a produção do evento. A disponibilidade e abertura da equipe de produção, com sensibilidade para se envolver e participar da construção do IV ENA, superaram o lugar de “prestação de serviço” e possibilitaram a realização de um trabalho coletivo.

Deve-se ressaltar ainda que a mobilização de recursos por parte das delegações estaduais foi essencial para viabilizar a viagem de ida e volta das delegações para Belo Horizonte.

Por último, merecem destaque os recursos não monetários, sem os quais o IV ENA não aconteceria, como a dedicação voluntária de várias/os militantes que assumiram diversas tarefas durante o processo preparatório e nos dias do Encontro.





HISTÓRIAS DO IV ENA: A MÍSTICA, A ENERGIA E A PRÁTICA DO ENCONTRO

“O que é feito por várias mãos nem sempre pode ser planejado, mas tem que ser confiado. Ter diálogo, confiar na/o outra/o. Sentimentos e construções que só viriam do caos. Perder o controle com confiança e responsabilidade é potência! Camarão e peixe que surgem; rádios gritando; banheiros que chegam; “Preciso de carro”; “Preciso de diesel”; sete mil pessoas no parque; “Cadê o gerador?”; “Sumiu a comida!”, “Estava no contêiner”, “Estava no mercado”; “No outro dia de manhã, tinha caldo do pirarucu”, “Não pode mexer”, todo mundo mexendo; barulhos, bambu cortado no parque, não podia, mas precisava. O encontro de uma tartaruga com um gato e com uma indígena embaixo do bambuzal, ao lado da Tenda da Saúde.

Relato feito na reunião de avaliação do IV ENA,
realizada em Belo Horizonte (MG), no dia 15 de junho de 2018

DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ A Supercomissão de Finanças foi a primeira a começar a trabalhar para viabilizar a realização do Encontro.
- ▶ Houve um desafio em equilibrar o tempo das demandas a serem atendidas com a gestão dos recursos. No IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), grande parte dos apoios financeiros só foi liberada muito próximo da data do evento ou mesmo depois de sua realização.
- ▶ É essencial que haja pessoas remuneradas ou liberadas das instituições para o trabalho de gestão e controle das finanças.
- ▶ É necessário valorizar as/os profissionais de forma equilibrada, não criando disparidades de remuneração entre as pessoas contratadas.
- ▶ Houve muita demanda e pouca disponibilidade das pessoas em integrar a Supercomissão de Infraestrutura.
- ▶ É importante buscar profissionais e técnicas/os da produção que sejam sensíveis à temática da agroecologia e entendam a metodologia de construção coletiva. Nesse sentido, ao produzir um encontro, também se deve tentar convergir a experiência das empresas prestadoras de serviço com a prática e o acúmulo dos movimentos sociais. Durante a organização do IV ENA, por exemplo, foi articulada uma integração das/os catadoras/es com a equipe de limpeza contratada para o evento.
- ▶ A realização de mutirões prévios pode viabilizar a construção de banheiros secos e outras tecnologias ecológicas de saneamento, como a lavagem permacultural.
- ▶ Houve o desafio de garantir a corresponsabilidade dos movimentos, dos grupos e das organizações para viabilizar algumas propostas e tarefas definidas nos espaços coletivos. Por exemplo, a organização da *Ciranda Infantil* no IV ENA, apesar de ser uma reivindicação dos movimentos de mulheres, precisaria de mais empenho e melhores condições para ser realizada com mais qualidade. Ou seja, para algumas tarefas prioritárias na composição do sentido político dos ENAs, é preciso maior envolvimento dos movimentos, dos grupos de trabalho (GTs) e das organizações que integram a ANA, para além da comissão local.

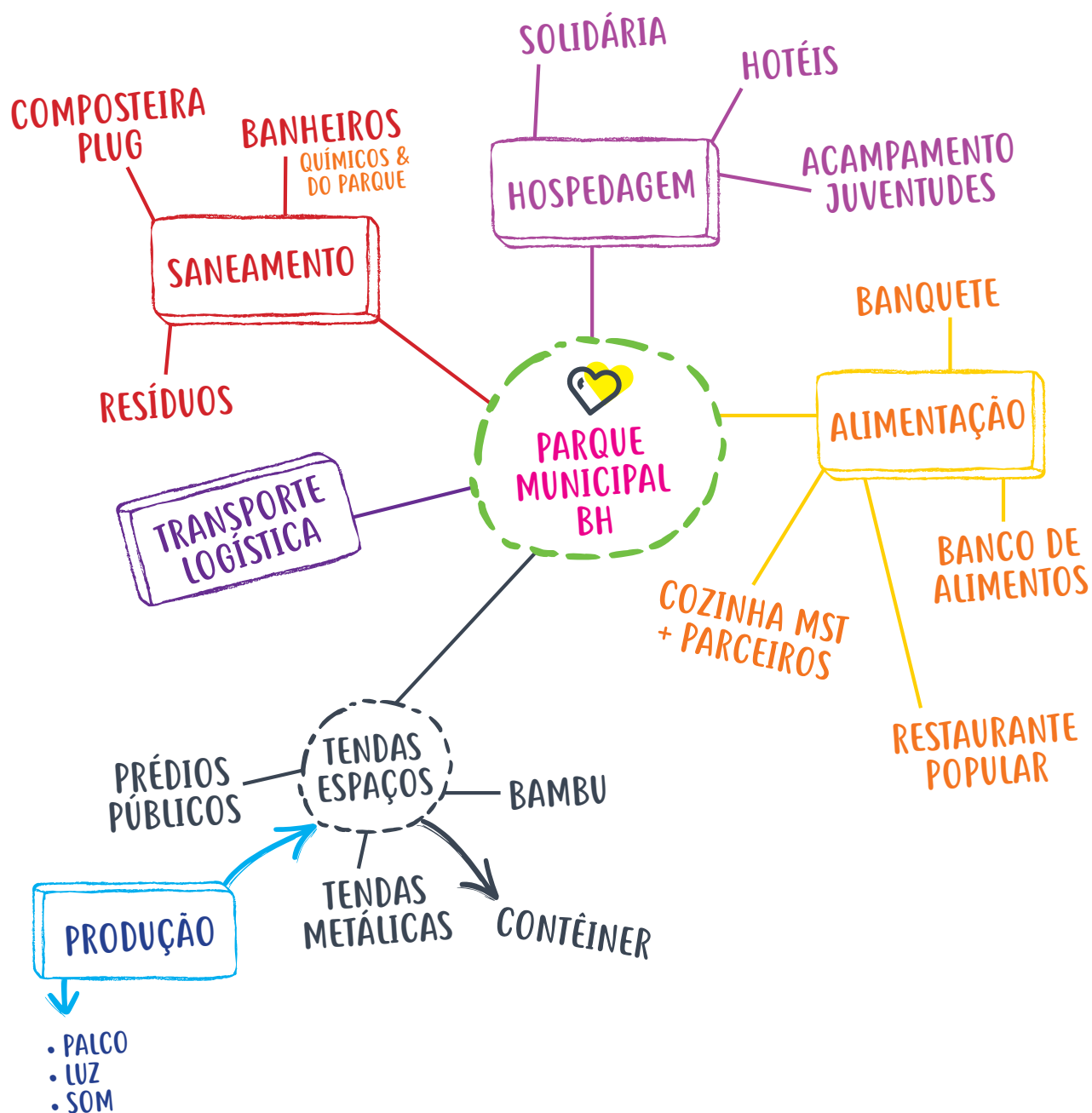
- ▶ **“Segurança com cuidado”:** a segurança coletiva e comunitária dos espaços coletivos de encontro e trabalho é outro desafio a ser enfrentado. Na conjuntura política em que vivemos, é muito importante que a segurança possa ser construída como um processo autônomo e coletivo. No IV ENA, equipes circularam em diferentes turnos, zelando pelos espaços do Parque Municipal de Belo Horizonte e de outros ambientes onde ocorreram atividades do Encontro, como o Viaduto Santa Tereza. Quando dizemos *segurança com cuidado*, estamos nos referindo à atenção às regras de uso e segurança do Parque e ao alerta em relação às situações de risco. Mas nos referimos, sobretudo, à harmonização das relações entre a diversidade de sujeitos presentes, bem como à segurança espiritual dos ambientes e processos.
- ▶ Há uma grande potência em desenvolver os trabalhos em parceria com o poder público. No caso do IV ENA, esse diálogo favoreceu a superação de entraves e limites relacionados às regras do Parque Municipal.
- ▶ Pela primeira vez, a Articulação Nacional de Agroecologia lançou uma campanha de financiamento coletivo para complementar as despesas com infraestrutura, logística e comunicação de um Encontro Nacional de Agroecologia. A meta de arrecadação, estipulada em R\$ 100 mil, foi ultrapassada em R\$ 7 mil, devido ao apoio de quase 700 pessoas de 25 estados brasileiros e do Distrito Federal. Avalia-se que essa estratégia é uma iniciativa de mobilização, diálogo e fortalecimento de processos autônomos, descentralizados e solidários, que viabilizam as atividades populares e não são, nessa perspectiva, um mero instrumento econômico.  www.catarse.me/ivena1
- ▶ Devido a uma articulação prévia, que viabilizou a parceria entre cooperativas de catadoras/es de material reciclável e organizações do estado de Minas Gerais que lidam com esta temática, 100% dos resíduos gerados no IV ENA tiveram destinação adequada e ainda geraram renda para as/os catadoras/es. Foram manejados 2.490 kg de resíduos: 30,5% foram encaminhados para cooperativas e reciclados; 55,5% foram compostados e viraram adubo orgânico; e os demais 14% dos rejeitos foram devidamente enviados aos aterros sanitários da região. Com isso, o IV ENA teve uma taxa de 86% de recuperação dos resíduos gerados.

UMA HISTÓRIA DO PÓS-ENA

“Todo o resíduo orgânico gerado no IV ENA foi coletado e levado para o Centro de Vivência Agroecológica (Cevae) Taquaril. Montamos leiras de compostagem com a colaboração de uma agricultora do Cevae e uma catadora de material reciclável. Conseguimos construir os caminhos para uma integração das pautas: lixo zero e agroecologia. Tivemos a participação das/os catadoras/es de materiais recicláveis e do coletivo Roots Ativa na gestão dos resíduos no Encontro. Aproximadamente 2,5 toneladas de resíduos foram manejados. Destes, recuperamos 86% a partir dessa gestão. A compostagem tem o simbolismo da união entre as duas bandeiras. Têm destaque nesse processo os princípios da reciclagem popular, com catadoras/es como protagonistas. Junto com a agroecologia, esse processo é muito mais! Temos como legado a articulação entre os movimentos. A utopia começa a se concretizar!”

Relato feito na reunião de avaliação do IV ENA,
realizada em Belo Horizonte (MG), no dia 15 de junho de 2018





ALIMENTAÇÃO



Composta por integrantes de movimentos e organizações sociais, a Supercomissão de Alimentação do IV ENA se responsabilizou pela definição do cardápio, pela aquisição dos alimentos (compra e/ou doação), pela logística de recebimento dos insumos e pelo preparo das refeições. Em média, essa supercomissão teve o envolvimento de 10 pessoas.

Parte das refeições foi preparada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que contou com a parceria de mais de 20 voluntárias/os e de funcionárias/os do Banco de Alimentos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH). Outra parte ficou sob a responsabilidade do Restaurante Popular da PBH.

Alguns alimentos servidos às/aos participantes do Encontro também foram preparados pela Supercomissão do *Banquete Popular*, no Mercado Popular da Lagoinha — um espaço público de Belo Horizonte vinculado à Prefeitura Municipal.

As refeições feitas no Restaurante Popular foram servidas nesse mesmo local. E os alimentos preparados no Banco de Alimentos e no Mercado da Lagoinha foram oferecidos no Parque Municipal e no Plug Minas (local onde foi montado o *Acampamento das Juventudes*).





A proposta da comissão era realizar uma alimentação 100% agroecológica, considerando a sazonalidade e a diversidade dos hábitos alimentares das/os participantes. Também foi definido que, para potencializar o circuito curto de comercialização, seriam priorizadas as associações, as cooperativas e as/os agricultoras/es familiares da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Mas a greve nacional das/os caminhoneiras/os, que começou uma semana antes do IV ENA, trouxe desafios extras à comissão, pois inviabilizou que boa parte dos alimentos da agricultura familiar chegasse a Belo Horizonte, de modo que alguns alimentos tiveram que ser comprados no mercado convencional. Apesar dos protestos e da paralisação das/os caminhoneiras/os, foi possível conseguir, às vésperas do IV ENA, vários produtos da agricultura familiar de Minas Gerais, principalmente de municípios da região leste, da Zona da Mata e da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

“Nossa programação foi impactada pela greve das/os caminhoneiras/os. Havíamos planejado um cardápio que não pôde ser cumprido. O que poderia ter sido um grande problema se transformou em uma rede de solidariedade. Recebemos doações fartas, muitas delas nem conseguimos saber como chegaram até a gente. A cada dia, a gente se surpreendia com as entregas, vindas de ONGs, de movimentos rurais e urbanos, pequenas/os produtoras/es e instituições de Minas Gerais e de outros estados. Ou seja, o atraso da chegada dos alimentos só impossibilitou que cumpríssemos os cardápios originais, mas não atrapalhou a nossa missão, que foi a de servir o almoço e o jantar durante os dias do evento.”

Paulo Jorge de Oliveira Duarte,
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ A diversidade de olhares e saberes profissionais foi fundamental na Supercomissão de Alimentação. Houve a participação direta de nutricionistas, cozinheiras/os, ativistas e funcionárias/os do Restaurante Popular (Prefeitura de Belo Horizonte). Essa composição diversa da supercomissão favoreceu, por exemplo, a adaptação do cardápio a partir das características dos alimentos doados e disponíveis para comprar. **A/O nutricionista vê pelo nutritivo; a/o agricultora/agricultor, pela sazonalidade; a/o cozinheira/o, pelos alimentos que estão disponíveis.**
- ▶ **Ousadia e alegria:** foi muito importante a contratação de militantes do MST para fazer a alimentação do IV ENA. Essa ação possibilitou a geração de renda para o movimento, além de potencializar a profissionalização do grupo. Também foi contratada uma nutricionista, que se somou ao grupo de cozinheiras/os do MST na construção de boas práticas para a produção dos alimentos.
- ▶ Parceria com o poder público: a participação da Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da Prefeitura de Belo Horizonte (Susan/PBH) na Supercomissão de Alimentação potencializou o aprendizado coletivo e garantiu a ocupação de espaços públicos (Restaurante Popular e Banco de Alimentos) para a produção das refeições do Encontro.
- ▶ Assim como para as outras supercomissões, é preciso garantir que uma pessoa fique liberada para o trabalho referente à alimentação. No caso dos acordos e das compras de alimentos das/os agricultoras/es, o ideal é que esse movimento se inicie com, no mínimo, 6 meses de antecedência.
- ▶ Também é necessário planejar previamente a logística de transporte, o recebimento e a preparação das refeições para dar boas condições de trabalho e minimizar os impactos dos imprevistos. No caso do IV ENA, por exemplo, foi um grande desafio para a Supercomissão de Alimentação compatibilizar a infraestrutura e os veículos disponíveis com os horários de funcionamento das instituições públicas parceiras, o tempo de preparo dos alimentos e o horário de servir as refeições.
- ▶ A greve das/os caminhoneiras/os gerou várias incertezas sobre como e quando as delegações viriam a Belo Horizonte. Por esse motivo, não havia garantia de que os alimentos das regiões chegariam ao IV ENA. No entanto, muitas/os participantes trouxeram nos ônibus das delegações produtos de



seus territórios. Como a chegada desses alimentos não estava prevista, não havia uma estrutura pensada para o recebimento e a distribuição desses produtos. Mais uma vez, destaca-se aqui a importância de compor uma comissão de alimentação com pessoas que possuem diferentes saberes, pois a dinamicidade e a criatividade foram necessárias para evitar o desperdício. Parte dos alimentos que chegavam era destinada ao Mercado da Lagoinha para a preparação do *Banquete Popular*, parte ia para o Restaurante Popular e parte era encaminhada para o Banco de Alimentos. Os critérios usados para direcionar os produtos a cada um desses lugares foram as quantidades e os tipos de alimento que chegavam.

- ▶ O volume de alimentos doados para o IV ENA foi tão grande que não foi necessário utilizá-los em sua totalidade durante o evento. Mas o princípio de solidariedade e o empenho em não desperdiçar alimentos — que guiaram as/os integrantes dessa supercomissão — continuaram após o Encontro. Assim, **1.880 kg foram doados ao Banco de Alimentos, beneficiando 40 instituições socioassistenciais e cerca de 6 mil pessoas.**
- ▶ Para facilitar e garantir que processos como o vivenciado pela Supercomissão de Alimentação sejam sistematizados, é aconselhável pensar previamente os instrumentos para registro de informações e a melhor estratégia para coleta dos aprendizados.
- ▶ É importante cuidar para que, em um evento grande como o IV ENA, haja uma dinâmica específica que facilite a alimentação das equipes, dispensando-as de longas filas de espera.

FEIRA SABERES E SABORES E PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO AGROECOLÓGICA



Hortalças, frutas, legumes, temperos, grãos, sucos, geleias, doces, quitutes, artesanato, óleos essenciais e cachaças, de todas as regiões do Brasil, foram alguns dos produtos comercializados na *Feira Saberes e Sabores* do IV ENA. A *Feira* também foi um espaço de integração e troca de experiências entre expositoras/es e consumidoras/es e de divulgação de publicações produzidas por organizações presentes no Encontro.

Ao todo, **90 barracas foram distribuídas** nos corredores principais do Parque Municipal de Belo Horizonte, organizadas de acordo com os biomas nos quais as famílias produtoras se localizavam. A *Feira* aconteceu nos dias 2 e 3 de junho e foi aberta ao público em geral que visitou o IV ENA, **compondo parte da programação aberta do Encontro**. Ao concentrar a *Feira* em 2 dias, as comissões organizadoras do IV ENA buscaram garantir a participação das/dos feirantes em outras importantes atividades da programação.



Junto à tenda principal do IV ENA, outras dez barracas conformaram, durante os quatro dias de evento, a *Praça de Alimentação Agroecológica*. Grupos, coletivos e iniciativas ligadas à agricultura familiar, às redes de agroecologia, aos movimentos sociais, às cooperativas e às/aos produtoras/es artesanais ofereceram alimentos às/aos visitantes e participantes do IV ENA, como lanches, sanduíches, tortas, queijos, pratos salgados, doces e sobremesas, além de sucos, cachaças e cervejas artesanais.

A equipe integrante da Supercomissão da Feira e da *Praça de Alimentação* ficou responsável por planejar o número de barracas e a distribuição das/os expositoras/es no Parque Municipal; fazer contato com as pessoas de referência de cada estado e bioma; e cuidar da estrutura de armazenamento e transporte dos produtos durante a *Feira*. Para dar conta de tantas tarefas, essa supercomissão realizou várias reuniões presenciais, criou um grupo de WhatsApp, comunicou-se por *e-mail* e elaborou alguns documentos e planilhas para organizar as informações.

+30

VOLUNTÁRIAS/OS
NA ORGANIZAÇÃO
DA FEIRA

4

CONTÊINERES
(1 PARA CADA
SETOR DA FEIRA)

100

BARRACAS PARA
EXPOSIÇÃO E VENDA
DE ALIMENTOS

Na Casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando a palavra dos cantadores

- *Finado Severino, quando passares em Jordão e o demônios te atalharem perguntando o que é que levas...*
- *Dize que levas cera, capuz e cordão, mais a Virgem da Conceição.*
- *Finado Severino, etc...*
- *Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.*
- *Finado Severino, etc...*
- *Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.*
- *Uma excelência dizendo que a hora é hora.*
- *Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.*
- *Duas excelências...*
- *...dizendo é a hora da plantação.*
- *Ajunta os carregadores...*
- *...que a terra vai colher a mão.*

João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*

A HISTÓRIA DE QUEM TRABALHOU E SE EMOCIONOU NA COMISSÃO DA FEIRA

“*Na seca extremada do país e na seca das chuvas, nasce um bebê — o novo nasce, assim como na história de João Cabral. Cada alimento que chegava das caixas era uma novidade que contagiava. Os contêineres, grandes caixas fechadas, eram enchidos por mais caixas e sacos coloridos. O Brasil era essa caixa fechada, em crise e em greve. Um deserto político. Ao longo dos dias do Encontro, essas caixas começaram a se abrir, e, delas, saíam os biomas e as histórias do país! Uma diversidade que se abriu em cores e vida embaixo das árvores do Parque Municipal.*

Relato feito na reunião de avaliação do IV ENA, realizada em Belo Horizonte (MG), no dia 15 de junho de 2018

DICAS E APRENDIZADOS



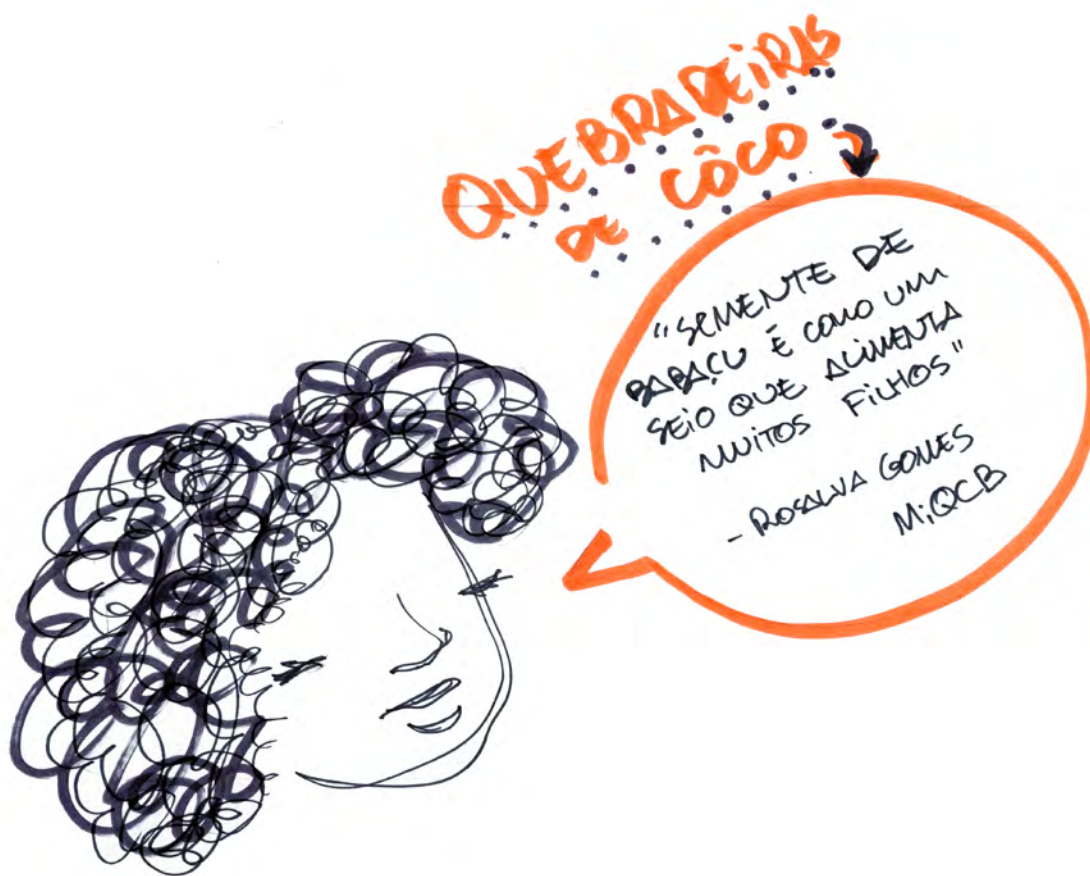
- ▶ É importante ter uma pessoa com o papel de antena/referência em cada região, que seja exclusiva para o diálogo sobre a *Feira*.
- ▶ Apesar de ter existido a demanda de algumas/alguns feirantes para realizar a *Feira Saberes e Sabores* durante todo o Encontro, ter concentrado a comercialização dos produtos nos dois últimos dias possibilitou uma maior integração e participação de todas/os nas atividades do IV ENA.
- ▶ No caso da *Feira* realizada no IV ENA, teria sido melhor se os contêineres tivessem ficado ao lado de cada setor. Essa medida reduziria consideravelmente a demanda de mão de obra de carregadoras/es (poupando custo com pessoal) e daria mais autonomia às/aos expositoras/es.
- ▶ Também seria recomendável disponibilizar um rádio para cada pessoa de referência nos contêineres se comunicar com a coordenação da *Feira*. No IV ENA, contamos com WhatsApp, porém foi constatado que a comunicação entre as/os membras/os da equipe poderia ter sido mais eficiente se houvesse mais rádios.
- ▶ A sinalização da *Feira Saberes e Sabores* foi simples, com faixas nas entradas do Parque Municipal e cartazes no início e no fim de cada setor. Mas faltou indicar

qual “bioma” estava presente em cada setor. Destaca-se aqui a preocupação da Supercomissão da Feira em elaborar estratégias de sinalização e comunicação. Ainda que existam ajustes, essa **parceria entre supercomissões reforçou a Feira como um potente espaço de diálogo e comunicação com a sociedade.**

- ▶ Muitos alimentos comercializados na *Praça de Alimentação Agroecológica* tiveram os preços considerados altos por participantes do IV ENA. Assim, é preciso buscar formas de garantir um preço justo a ser praticado. Também é preciso pensar subsídios e estratégias diferenciadas para acolher agricultoras/es e demais sujeitos participantes.
- ▶ A *Feira Saberes e Sabores* se tornou um **Território de Comercialização Livre**, conforme definiram as/os integrantes dessa supercomissão. Como o IV ENA foi realizado em um espaço público, durante os 4 dias do evento diversas/os feirantes e artesãs/ãos da cidade chegaram ao Parque Municipal com a intenção de comercializar os seus produtos. Esse fato gerou, em um primeiro momento, certa preocupação da equipe de organização do IV ENA. Mas, logo em seguida, avaliou-se que essa participação não ordenada das/os feirantes e artesãs/ãos também fazia parte do processo de diálogo com a cidade.
- ▶ No segundo dia do IV ENA, foi entregue às/aos agricultoras/es em cada barraca uma ficha para identificar os produtos levados e comercializados durante o evento. Infelizmente, não foi possível levantar dados suficientes sobre a diversidade dos produtos e a comercialização, pois poucas fichas foram devolvidas. Para os próximos encontros, seria importante refletir e definir a melhor estratégia de registro e sistematização da *Feira*.
- ▶ **Parcerias:** deve-se destacar a articulação realizada com o Fórum Metropolitano de Economia Popular Solidária (EPS), com a Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social (Sedese) e com a Associação Amanu (Jaboticatubas/MG) para o empréstimo das barracas utilizadas na Feira. Como desdobramento dessa articulação, foi oficializada a parceria entre o movimento de EPS e o movimento de agroecologia, o que vem viabilizando o empréstimo de barracas para outros eventos, como, por exemplo, o *II Festival Estadual de Arte e Cultura da Reforma Agrária* (Minas Gerais), realizado pelo MST, entre os dias 14 e 16 de dezembro de 2018, no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, mesmo local onde ocorreu o IV ENA.

“Estar aqui expondo os frutos do nosso trabalho é mostrar nossa cultura, nosso valor e nossa sustentabilidade. Aproveitamos 100% do que o coco-babaçu nos oferece, e isso não é ainda valorizado. Estar aqui é valorizar todas as mulheres que vieram antes da gente, aquelas que ensinaram as técnicas e criaram os produtos.”

Jaqueline Barros,
Movimento Interestadual das Quebradeiras
de Coco Babaçu (MIQCB)



BANQUETE POPULAR AGROECOLÓGICO



O *Banquete Popular Agroecológico* do IV ENA foi um momento de consagração da abundância e da diversidade cultural e agroalimentar do Brasil. Ele nasceu nos cultivos agroecológicos do campo e da cidade, e seu crescimento se deu com os saberes e as artes que transformaram os ingredientes em formas, sabores e histórias. Sua concepção, desde o início, foi a de possibilitar um **ato político que visibilizasse as lutas por comida de verdade no campo e na cidade**, a partir de outras estratégias de sensibilização e comunicação com a sociedade.

Mais de 60 voluntárias/os se juntaram às 16 mestras da cozinha para ofertar à população essa experiência de nos situarmos em torno da mesa como participantes ativas/os da história e dos rumos de nossa relação com o alimento e a terra. A maior parte das receitas, que tiveram ingredientes provenientes de agricultoras/es agroecológicas/os, associações e cooperativas da agricultura familiar de todo o Brasil, foi preparada no Mercado Popular da Lagoinha, um espaço público de Belo Horizonte vinculado à Prefeitura Municipal.

O *Banquete* foi aberto ao público e montado no último dia do Encontro próximo à tenda principal. Para preparar os pratos doces e salgados, foi utilizada mais de uma tonelada de alimentos. Com toda essa preparação e estrutura, o *Banquete Popular Agroecológico*



se consolidou no IV ENA como uma eficiente ferramenta de diálogo, capaz de mostrar à sociedade que os sistemas agroecológicos têm potencial para produzir alimentos saudáveis em diversidade, quantidade e qualidade necessárias para abastecer a população.

+60 VOLUNTÁRIAS/OS
NA PREPARAÇÃO
DO BANQUETE

16 MESTRAS DA
COZINHA

1,2 TONELADA DE
ALIMENTOS

A HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO EM DIAS DE GREVE

“Era possível ter 95% de comida agroecológica no IV ENA. Mas vivenciamos a greve das/os caminhoneiras/os três dias antes do Encontro. Construimos a luta do ideal para o real. Toda a construção anteriormente feita caiu por terra, e isso foi sofrido, mas tivemos muita cumplicidade dos grupos envolvidos. Foi através da solidariedade e da doação dos alimentos que conseguimos! 100% da carne veio da produção familiar de Itaguara (município da RMBH). Doamos muitos alimentos para outras pessoas/grupos/instituições. Construimos um bonito intercâmbio entre as cozinhas do Banquete, do MST e do Restaurante Popular. A união foi muito bonita, tivemos muitos aprendizados. Queremos agradecer, foi muita satisfação, garra e ousadia.

Relato feito na reunião de avaliação do IV ENA,
realizada em Belo Horizonte (MG), no dia 15 de junho de 2018

DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ O *Banquete Popular Agroecológico* foi uma ferramenta potente de diálogo com a sociedade e fez parte do ato político realizado no último dia do Encontro.
- ▶ A parceria com a Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da Prefeitura de Belo Horizonte (Susan/PBH) possibilitou o uso da cozinha do Mercado da Lagoinha, fortalecendo o diálogo da sociedade civil com o poder público e levando uma metodologia popular para dentro de um espaço institucional.
- ▶ O *Banquete* também foi um processo educativo. A sua construção se deu por meio de uma intensa troca de saberes que envolveu mulheres de diferentes contextos: cantineiras, cozinheiras, estudantes de gastronomia, militantes da alimentação saudável e *chefs* de cozinha.
- ▶ **Comer no parque:** Assim como todas as refeições realizadas no Parque Municipal, o *Banquete* representou mais um momento de partilha com as pessoas em situação de rua. Elas puderam estar e se alimentar durante os dias do IV ENA de forma harmoniosa e respeitosa.
- ▶ **“Não existe receita”:** O processo-cozinha do *Banquete*, construído de forma criativa e experimental, possibilitou que todos os alimentos doados pudessem ser acolhidos em combinações criadas a partir da disponibilidade, da condição e do perfil dos alimentos.
- ▶ **“Metodologias para receber”:** Construir estratégias de diálogo, acolhida, abertura e comunicação do *Banquete*, com música, palco livre, rezas e outros cuidados, também teve uma dimensão importante.

“Queríamos que todo o processo fosse um grande aprendizado em um formato o mais horizontal possível. Como acreditamos imensamente no valor das trocas e da experiência, entramos em contato com cantineiras/os de escolas públicas, quituteiras/os e congadeiras/os de Belo Horizonte e propusemos a elas/es que nos trouxessem receitas diversas, de família ou muito presentes em suas atividades. Começamos, então, um movimento que incluía vários saberes. Foi emocionante trabalhar com todas/os elas/es.

Maria Fernanda Ambuá, cozinheira

SAÚDE



A harmonia, o carinho e o cuidado vivenciados no *Espaço da Saúde Fernando Luiz Vieira* foi mais um rico aprendizado do IV ENA. Durante os quatro dias do evento, 96 voluntárias/os de várias regiões do Brasil compartilharam seu tempo e conhecimento para atender cerca de 600 pessoas que passaram pelo Espaço. As pessoas atendidas, prioritariamente participantes do evento vindas de 27 estados do país, puderam escolher entre 27 modalidades ofertadas nas 11 tendas disponíveis no local. Benzeção, *reiki*, medicina ancestral e massagem foram as práticas mais requisitadas, totalizando quase a metade do número total dos atendimentos. As/os raizeiras/os, benzedeiras/os, terapeutas e demais profissionais da saúde que se dedicam à saúde integral e à medicina tradicional e popular se dividiram em turnos e em grupos, de acordo com as terapias oferecidas.



O nome do Espaço da Saúde do IV ENA foi uma homenagem a Fernando Luiz Vieira, agricultor urbano participante da Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana e da Articulação Pacari. Fernando lutou por mais de 20 anos pelo bem-estar de todas/os em seu ofício de raizeiro e benzedeiro e fez sua passagem no dia 26 de maio de 2017. Fernando, presente!

A organização do Espaço ficou a cargo da Supercomissão de Saúde, composta por 16 pessoas de Minas Gerais. Esse grupo preparou, no Centro de Vivência Agroecológica Coqueiros, em Belo Horizonte, alguns dos insumos utilizados durante os atendimentos, como tinturas, pomadas, géis e sabonetes líquidos. O Coletivo Vira Luz, de Viçosa (MG), também se organizou e preparou algumas tinturas, xaropes e homeopantias. Outros produtos vieram de outros estados e foram doados por instituições e pelas pessoas que atenderam no Espaço. Cada voluntária/o foi orientada/o pela supercomissão a trazer seus recursos (ervas, preparações, instrumentos de trabalho) para prestar os atendimentos.

A Supercomissão de Saúde iniciou seus trabalhos nas reuniões da Comissão Organizadora Estadual, quando foram construídas as concepções do Espaço e o processo de mobilização das/os voluntárias/os. A mobilização se deu, inicialmente, em outros encontros preparatórios, tais como os encontros regionais, encontros estaduais e encontros territoriais. Posteriormente, foi lançada uma chamada para voluntariado no site da Articulação Nacional de Agroecologia, em que a/o voluntária/o preenchia um formulário com informações sobre o tipo de atendimento e os horários ofertados, além das informações pessoais das/os atendentes. Essa chamada foi publicada em maio de 2018, e foi surpreendente que, em poucas semanas, mais de 100 pessoas já haviam ofertado atendimento voluntário.

Veja aqui a chamada para voluntárias/os da saúde



enagroecologia.org.br

Devido à grande oferta de pessoas disponíveis para prestar atendimento — o que extrapolou a capacidade de tempo e de espaço do Encontro — a Supercomissão de Saúde propôs uma reunião de acolhida na manhã do primeiro dia do IV ENA com a intenção de fazer a escala de atendimento e orientar as/os voluntárias/os

sobre o funcionamento do Espaço (disponibilidade de recursos, dinâmica de atendimento, etc.). Nessa reunião de acolhida, as pessoas se agruparam de acordo com as suas práticas: grupo do *reiki*, grupo da massagem, grupo de raizeiras/os e benzedeiros/os, entre outros. Essa atividade gerou também um aprendizado significativo referente ao respeito às diferentes identidades e ofícios de cura. Destaca-se, nesse sentido, a constituição da Sala da Medicina Ancestral, para que os povos indígenas pudessem fazer seus atendimentos.

Deve-se ressaltar ainda o trabalho de “acolhimento” desempenhado por algumas pessoas, que consistia em receber as/os participantes, escutar sua demanda, apresentar as práticas disponíveis no momento e encaminhar ao atendimento. Também aconteceram práticas coletivas de cuidado da saúde, como ioga e meditação, além de oficinas e atividades espontâneas, como rodas de conversa de mulheres.



SAÚDE COMO CUIDADO E ACOLHIDA

Uma raizeira que atendia no Espaço da Saúde percebeu que algumas mulheres estavam muito ansiosas e preocupadas com a família e o trabalho de cuidado que elas deixaram em casa para irem ao IV ENA. Essa raizeira propôs, então, uma roda de conversa, em que as mulheres puderam compartilhar suas emoções e se cuidar mutuamente.

96

VOLUNTÁRIAS/OS
ATENDENDO

27

MODALIDADES DE
PRÁTICAS DE SAÚDE
OFERTADAS

606

PESSOAS
ATENDIDAS

Plantas usadas para benzer	Alecrim, manjerição, guiné
Óleos essenciais	Alecrim, losna, melaleuca
Chás	Hortelã, camomila, capim-cidreira, gengibre com canela
Águas saborizadas	Alecrim com gengibre, canela e hibisco
Tinturas	Mulungu, carqueja, boldo, marcela-do-campo, erva-baleeira, arnica
Géis	Arnica, erva-baleeira
Extratos	Alface
Sabonete líquido	Confrei
Outros	Sementes, bambus

“Chegar aqui depois de tantas horas de viagem e ser cuidada desse jeito me deixa assim... sem palavras. Estava com muita dor no corpo por causa da viagem, já não tenho mais tanta energia para ficar tanto tempo sentada, então me sugeriram a massagem e a auriculoterapia. Só me trato com medicina alternativa, com chás, tinturas e unguento, e não entendo como as pessoas cuidam da saúde de outro jeito. Para mim, essa tenda é um presente e me dá mais energia para estar forte durante o evento e voltar para casa feliz e sem dores.

Rosemary Possi de Lima, Coletivo Cariri

DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ O *Espaço da Saúde*, enquanto um instrumento potente de diálogo com a comunidade, é a agroecologia no seu “fazer cuidado”.
- ▶ É preciso ficar mais atento e garantir que as/os trabalhadoras/es que estão na linha de frente do evento (produção, feira, cultura, alimentação) também sejam cuidadas/os. Nessa perspectiva, também é importante planejar como serão cuidadas as pessoas que estão prestando os atendimentos, desde os cuidados básicos, como a alimentação, até o planejamento de momentos em que as/os próprias/os voluntárias/os possam trocar atendimentos entre si.
- ▶ É necessário avançar no entendimento do “fazer cuidado” como uma metodologia de construção dos encontros/eventos da agroecologia, assim como na visibilidade e integração do *Espaço da Saúde* na programação dos próximos ENAs.
- ▶ É importante produzir materiais (escritos e audiovisuais) e ter pessoas com o papel educativo de dialogar sobre os princípios e a intencionalidade de um *Espaço da Saúde* agroecológico e sobre a concepção de saúde que abrange os aspectos físico, mental e espiritual.

CIRANDA INFANTIL



A *Ciranda Infantil* do IV ENA foi um espaço destinado ao acolhimento das crianças durante os três primeiros dias do Encontro. Enquanto as mães e os pais participaram das atividades do IV ENA, a *Ciranda* pôde ser um local de convívio entre as crianças e as/os educadoras/es. As interações e os diálogos construídos nesse espaço buscaram estimular a criatividade e a imaginação, integrando as crianças com as temáticas, os princípios e as atividades do Encontro. Nessa perspectiva, considerou-se que as crianças, que participam ativamente da construção da agroecologia em seus territórios, também foram protagonistas do IV ENA.

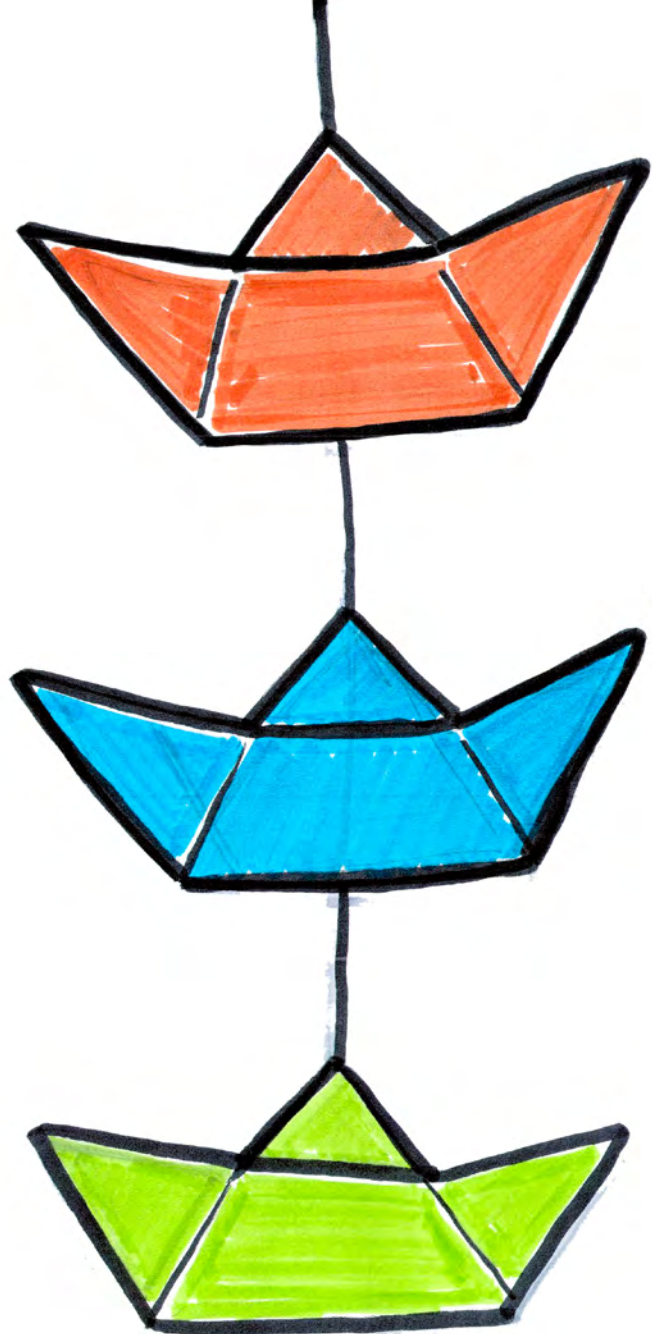
DICAS E APRENDIZADOS



- A construção da *Ciranda* deve ser dialogada com as outras supercomissões. É preciso organizar o espaço das crianças como protagonistas e produtoras do conhecimento agroecológico.



- ▶ É preciso atenção à assistência e à infraestrutura durante o evento para atender às necessidades básicas, como acesso a banheiros, água e alimentação. Uma sugestão é de que haja uma articuladora ou um articulador que fique à disposição da *Ciranda*, exclusivamente.
- ▶ É necessário um esforço na divulgação da *Ciranda* (antes e durante o evento), no sentido de otimizar o planejamento e a equipe quanto ao número de cirandeiras/os e à divisão das funções. Quanto antes for informada a quantidade de crianças, mesmo que seja um número aproximado, melhor para a organização da comissão.
- ▶ A *Ciranda* deve ser pensada de forma integrada ao evento, tanto no sentido do espaço físico, que precisa prezar pela segurança, como no sentido da inclusão na programação geral. Quanto ao espaço físico, o ideal é que esteja mais próximo do local de maior circulação de pessoas. No entanto, isso pode representar um grande desafio, já que o barulho na *Ciranda* precisa ser controlado, na medida do possível. Em relação à inserção na programação, a sugestão é de que haja uma apresentação ou algo do gênero, para que as mães e pais participantes do Encontro fiquem sabendo, de antemão, da existência da *Ciranda*.



COMUNICAÇÃO E CULTURA



A Supercomissão de Comunicação e Cultura foi umas das primeiras a se formar e a iniciar o processo de construção para o IV ENA. Isso se deu porque já existiam, na Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o Coletivo Nacional de Comunicação e Cultura e, na Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), o Grupo de Trabalho (GT) de Comunicação e Cultura. Em Belo Horizonte, havia também o engajamento e o desejo de algumas pessoas em contribuir com a temática. Nesse sentido, foi realizado, ainda em 2017, um encontro ampliado com a presença de comunicadoras/es de instituições da agroecologia de Minas Gerais e de outros estados e de movimentos e coletivos de comunicação popular de Belo Horizonte. Esse encontro foi de extrema importância para criar um sentido coletivo da tarefa e para ampliar o entendimento do fazer da comunicação popular que seria construído rumo ao IV ENA.

~ É PRECISO PERDER ~
O CONTROLE

Desde o início da organização do IV ENA, foi colocada a perspectiva de trabalhar as dimensões da comunicação e da cultura em uma mesma supercomissão. A intenção ao realizar essa conexão foi abandonar a visão de que as fortalezas populares relacionadas à cultura são apenas ferramentas, momentos de lazer e entretenimento.



Encontro de integração e planejamento, no Parque Municipal de Belo Horizonte, reunindo as diferentes frentes de trabalho do Coletivo de Comunicação e Cultura do IV ENA

A princípio, a supercomissão estava realizando reuniões mensais e com representantes da comunicação e da cultura. No entanto, no avançar da construção, o grupo entendeu que era necessário garantir movimentos separados de comunicação e cultura, mas buscando sempre manter o diálogo e o alinhamento, principalmente por meio da participação nas reuniões da Secretaria Executiva do IV ENA.

A comunicação se dividiu, portanto, em oito frentes de trabalho — audiovisual, fotografia, redes sociais, cobertura colaborativa, assessoria de imprensa, material gráfico,

facilitação gráfica e relatoria —, buscando otimizar e objetivar suas ações. E a cultura, apesar de ter ficado com um número reduzido de militantes, teve a importante tarefa de mobilizar grupos culturais de Belo Horizonte e dialogar com as/os antenas de outros estados para levantar nomes de pessoas e grupos que viriam nas delegações estaduais.

Confira aqui a Convocatória para Mapeamento de Comunicadoras/es e Expressões Culturais nos Territórios



enagroecologia.org.br

A proposta da Supercomissão de Cultura foi criar espaço para autonomia, apesar da grande dificuldade de interação com as/os representantes de outros estados. Nesse sentido, foi muito importante o diálogo contínuo com a equipe de produção para viabilizar uma infraestrutura mínima que pudesse acolher os grupos que chegariam de todo o Brasil. Reuniões semanais foram realizadas nos últimos dois meses preparatórios, buscando repassar os diálogos tecidos nos territórios e construir uma programação cultural que equilibrasse as expressões culturais locais e regionais com a participação dos diferentes estados do país.

AUTONOMIA

Essa supercomissão também contribuiu para a idealização do momento de abertura do IV ENA. A *Abertura Político-Cultural* do Encontro, enquanto espaço oficial da programação, teve como referências os povos afro e indígenas. A intenção foi provocar uma reflexão sobre como eles apontam, a partir de seus costumes e modos de vida, outras possibilidades de ser, de saber, de lutar, de cultivar, de cultuar, de produzir alimentos, de viver em comunidade e de construir o bem viver.

O movimento agroecológico e a sociedade brasileira foram instigados a refletir sobre a reconstrução democrática do Brasil, mas a partir de outros lugares não mais invisibilizados. A proposta era destacar as lutas, resistências e conquistas desses povos que, mesmo historicamente oprimidos por uma estrutura colonial que permanece até os dias de hoje e que vemos agravada nas perdas atuais de direitos, continuam reivindicando seu lugar social.

A HISTÓRIA DA PREPARAÇÃO DA MANDIOCA SERVIDA NA ABERTURA DO IV ENA

“*Mandioca com ervas! O uso das ervas por escravizados, que as misturavam na mandioca porque não podiam usá-las. O uso político e espiritual das plantas. As histórias das bênçãos. Essa é uma lembrança do processo de preparação da mandioca servida na abertura do IV ENA, temperada e benzida com sete ervas por Mayó, terapeuta indígena da Aldeia Pataxó de Nova Coroa (BA).*”

Relato feito na reunião de avaliação do IV ENA, realizada em Belo Horizonte (MG), no dia 15 de junho de 2018

49
 COMUNICADORAS
POPULARES

30
 COMUNICADORES
POPULARES

✚ CONTRATAÇÃO DA EQUIPE DE COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DA CAMPANHA DE FINANCIAMENTO COLETIVO, QUE ATUOU POR 4 MESES

✚ CONTRATAÇÃO DA EQUIPE DE ASSESSORIA DE IMPRENSA, COMPOSTA POR 2 PESSOAS, DURANTE 2 MESES

✚ FORMAÇÃO DO BLOCO DE CARNAVAL
O GRANDE BLOCO DO ENCONTRO

✚ CONSTRUÇÃO DE UM
VÍDEO DE MOBILIZAÇÃO
PARA O IV ENA



youtube.com/watch?v=rV27VY5qGsQ

✚ PLATAFORMA VIRTUAL
DE CONTEÚDOS



enagroecologia.org.br

✚ PLATAFORMA DE
COMPARTILHAMENTO
DAS FOTOS



flickr.com/photos/135192960@N07/albums



DICAS E APRENDIZADOS

É uma grande potência trabalhar a comunicação e a cultura em uma mesma comissão, mesmo que, em alguns momentos da caminhada, as ações referentes a essas duas temáticas precisem ser desenvolvidas separadamente. Ao compreender a comunicação de forma colaborativa, criativa e conectada à diversidade de culturas, saberes e expressões do povo, os ENAs e o movimento agroecológico buscam construir estratégias alternativas de comunicação e de organização interna de suas relações de trabalho e superar o entendimento das ações como meras ferramentas e produtos. Dessa forma, **a parceria entre comunicação e cultura se torna uma fortaleza na construção dos territórios simbólicos da agroecologia.**



- ▶ É importante mobilizar coletivos e ativistas que desenvolvem ações de comunicação popular, para além do movimento agroecológico.
- ▶ Os projetos de financiamento do Encontro devem priorizar e garantir recursos financeiros para as ações de comunicação e cultura.
- ▶ A captação de recursos também pode ser pensada como uma tarefa da Supercomissão de Comunicação e Cultura.
- ▶ O trabalho voluntário é potente e necessário devido às restrições orçamentárias. No entanto, devido à importância da comunicação para o fortalecimento do movimento agroecológico, precisamos encontrar meios para garantir que as atividades de comunicação sejam priorizadas e realizadas. Nesse sentido, uma possibilidade seria a remuneração de todas/os as/os profissionais, como forma de valorizar e dar condição para que as tarefas sejam levadas até o fim. Por exemplo, no IV ENA poucas/os fotógrafas/os passaram os seus registros para um banco de conteúdos comum.
- ▶ Construir e realizar diferentes estratégias de comunicação qualifica e amplia as possibilidades de diálogo com a sociedade como um todo. Exemplos: bloco

de Carnaval, banquetes públicos agroecológicos, cenas de teatro, oficinas em espaços públicos, cinema de rua, etc.

- ▶ É uma riqueza e um desafio lidar com um palco autônomo, aberto à espontaneidade dos encontros com responsabilidade e valorização das diversidades.
- ▶ Neste IV ENA, o cuidado com a ornamentação do parque e dos espaços do Encontro ganhou relevo. Para que essa ação fosse viabilizada, foi imprescindível a parceria com artistas-educadoras/es locais, que construíram elementos a partir de um processo ampliado de escuta e da valorização das identidades existentes e dos recursos locais, recicláveis e naturais. Destaca-se também a parceria com estudantes de Arquitetura da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- ▶ É fundamental que os vídeos, as entrevistas e os demais elementos comunicativos produzidos valorizem as mulheres, as juventudes e a representação dos povos. Apesar dos avanços, durante o IV ENA observou-se que ainda é recorrente e dominante a presença de homens brancos e de lideranças de organizações sociais nos espaços políticos e nas comunicações (por exemplo, nas entrevistas).
- ▶ Ao identificar e entender a potencialidade de iniciativas de comunicação, como a *Rádio-Poste*, é preciso dar centralidade a essas ações e articular previamente com a comissão local.
- ▶ É muito importante a articulação prévia com comunicadoras/es, jornalistas e assessoras/es de comunicação de outros movimentos, grupos políticos e demais representantes de organizações parceiras.
- ▶ Os debates promovidos no IV ENA em torno da cultura trouxeram avanços, mas ainda é preciso esforços para consolidar a cultura como elemento fundamental para as lutas do movimento agroecológico. **Devemos entender a cultura não como algo espontâneo ou momentâneo, mas como um processo que exige e reivindica seu lugar de reconhecimento para além de apresentação, de entretenimento, de preencher espaços na programação dos eventos.** Nesse sentido, é preciso colocar as/os artistas e mestras/es da cultura e das artes populares como protagonistas imprescindíveis para o fortalecimento e a comunicação das lutas agroecológicas. É importante que essa questão siga avançando, não saia do horizonte perseguido pelo movimento agroecológico e esteja nas pautas dos próximos eventos, encontros, espaços de discussão e ações da agroecologia no Brasil.

FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE



A *Feira da Agrobiodiversidade* foi idealizada no IV ENA para favorecer a partilha das sementes, das mudas, dos saberes e das iniciativas pelo direito ao livre uso da agrobiodiversidade. A *Feira* buscou ainda dar visibilidade à riqueza da sociodiversidade e da agrobiodiversidade, assim como fortalecer a luta pela soberania e autonomia dos povos na guarda, no cultivo e na partilha de suas sementes nos diferentes territórios do Brasil.

Com o objetivo de potencializar ao máximo esse momento de intercâmbio e promoção da agroecologia, a equipe de trabalho responsável pela organização da *Feira* elaborou um documento com orientações gerais e o enviou às delegações de todos os estados, promovendo, assim, um processo amplo de sensibilização e mobilização.

Acesse aqui o documento
de mobilização para a *Feira*
da Agrobiodiversidade

enagroecologia.org.br

No dia da *Feira*, realizada ao cair da tarde de 1º de junho de 2018, as barracas foram organizadas em grupos por região do país. Para iniciar as atividades, as/os visitantes e participantes do IV ENA fizeram um grande círculo, “abraçando” simbolicamente as sementes e suas guardiãs e guardiões, e compartilharam depoimentos sobre a importância mística e política daquele momento de resistência **pela soberania dos povos no cultivo de suas sementes.**



“Quando a gente tem semente, a gente encontra nela história de vida. Não é só uma semente. A gente guarda e troca, porque, pra nós, é muito importante.

Elizângela Aquino, guardiã da agrobiodiversidade

DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ Atividades de trocas, como a *Feira da Agrobiodiversidade*, devem ser promovidas e incentivadas cada vez mais nos diferentes espaços e eventos de agroecologia, por serem momentos importantes de fortalecimento da soberania dos povos.
- ▶ É importante pensar as metodologias que serão adotadas nesses encontros, a fim de potencializar e qualificar as partilhas e garantir que as/os participantes tenham acesso não só aos materiais genéticos, mas também às suas histórias, características e curiosidades.
- ▶ Em eventos grandes, como foi o IV ENA, é ainda maior o desafio de garantir: o protagonismo das/os agricultoras/es, dos povos e das comunidades tradicionais; a troca de informações; a contação de histórias; os relatos de anúncios e conquistas; e as denúncias das violações dos direitos referentes à soberania dos povos no cultivo de suas sementes.
- ▶ No caso do IV ENA, algumas informações poderiam ter sido coletadas com mais antecedência junto às delegações dos estados, pois, desse modo, poderia ter sido garantida uma maior diversidade de sementes e mudas, assim como a coleta e sistematização das informações relacionadas a elas (identificação, quantidade, variedade, formas de cultivo, usos, origem).
- ▶ Momentos de trocas de sementes e mudas também podem ser promotores de debates e estímulos à criação e estruturação de bancos de sementes ou de outras dinâmicas e estratégias de fortalecimento da agrobiodiversidade, principalmente no âmbito comunitário.

ENCONTROS PREPARATÓRIOS

Quando o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi lançado na Plenária Nacional da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em abril de 2017, as/os representantes das organizações, das redes e dos movimentos sociais presentes já começaram a discutir sobre o contexto sociopolítico nacional e os sentidos políticos e as diretrizes estratégicas da quarta edição do Encontro.

Da Plenária Nacional, sucederam várias atividades em todos os cantos do país, articuladas principalmente pelas organizações, pelas redes e pelos movimentos sociais que integram a ANA, conformando uma dinâmica coletiva de acúmulo de reflexões e decisões que teve o seu momento de culminância entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2018.

Essas iniciativas mobilizaram milhares de pessoas, principalmente agricultoras/es, povos indígenas e comunidades tradicionais, mas também estudantes, pesquisadoras/es, professoras/es, equipes de organizações de assessoria, artistas populares, comunicadoras/es, trabalhadoras/es urbanas/os e pessoas engajadas em diversos movimentos atuantes nas cidades. Foram encontros nas comunidades, caravanas agroecológicas e culturais, almoços agroecológicos, cinedebates, encontros territoriais e interterritoriais, encontros estaduais, entre outras ações, que sempre buscaram interagir com o lema do IV ENA: *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*.

As atividades preparatórias se orientaram também por um conjunto de referências definido nas comissões de organização do IV ENA e que deu origem à Carta Convocatória para o Encontro, publicada em novembro de 2017. Esse documento foi um importante instrumento de animação dos processos de mobilização, pois, além de apresentar à sociedade os sentidos políticos, os objetivos e as orientações estratégicas do evento, trouxe sugestões para as ações que foram realizadas nos territórios, nos estados e nas regiões.

De um modo geral, o processo preparatório que seguiu em curso até as vésperas do IV ENA se apoiou nas seguintes diretrizes:

- ▶ Partir de experiências concretas como princípio metodológico e politizar a reflexão sobre seus sentidos no atual contexto histórico, trabalhando múltiplas linguagens da comunicação e da cultura.
- ▶ Estimular a mobilização social com a realização de sistematização coletiva das experiências e análise das trajetórias de lutas, conquistas, desafios e

retrocessos vividos, expressos numa linha ou num “rio do tempo”, conjugando denúncias e anúncios.

- ▶ Refletir sobre os territórios como espaços de disputa, reconhecendo as cidades também como parte do processo de construção dos territórios da agroecologia.
- ▶ Trabalhar a comunicação e a cultura como dimensões estruturadoras da reflexão e divulgação das experiências agroecológicas.
- ▶ Ampliar e aprofundar o diálogo com outros setores da sociedade, engajando também segmentos organizados do meio urbano.

ENCONTROS REGIONAIS

Entre as atividades realizadas no processo preparatório do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), destacaram-se os Encontros Regionais de Agroecologia, que, em alguns locais, foram chamados de ERÊs.

De outubro de 2017 a abril de 2018, foram realizados quatro encontros regionais preparatórios ao IV ENA. O formato e a metodologia dos eventos foram variados. Em alguns casos, foram realizadas caravanas e/ou visitas a experiências de agroecologia e atividades de interação com o público urbano. Em outros, a programação ficou restrita a trocas de experiências e debates com o conjunto de participantes mobilizadas/os pelos estados. Apesar dos diferentes formatos adotados nos encontros regionais, em todos os casos foram realizados debates sobre os temas mobilizadores do IV ENA sob a perspectiva do lema do Encontro. Encaminhamentos como o preenchimento de vagas pelos estados e a mobilização de recursos para a ida das delegações estaduais para Belo Horizonte também foram discutidos.

Os encontros regionais preparatórios ao IV ENA tinham como proposta a experimentação de metodologias inovadoras de diálogo com a sociedade e a interação entre o campo e a cidade, de preferência a partir dos debates sobre o alimento e a agroecologia. De modo geral, muito se avançou nas reflexões sobre essa proposta. No entanto, algumas regiões encontraram dificuldades para seguir e efetivar essa orientação, evidenciando que permanece atual para o movimento agroecológico o desafio de aprofundar as análises e práticas que colaboram com a aproximação e o estabelecimento de (novas) conexões entre o urbano e o rural.

Além dos encontros regionais, deve-se ressaltar a realização de várias iniciativas no contexto do processo preparatório ao IV ENA, como encontros estaduais, caravanas e atividades nos territórios. Cabe destacar ainda que, muitas vezes, a construção da agroecologia nas regiões é animada por dinâmicas de redes territoriais, e várias dessas redes foram valorizadas no IV ENA ao serem indicadas para apresentar suas experiências durante o Encontro. Nos encontros regionais ou em reuniões com representantes dos estados, por exemplo, foram definidos os territórios para apresentarem as suas experiências e animarem as discussões nas tendas dos biomas, que fizeram parte da programação do IV ENA.

“Erês, para nós, na nossa construção, no nosso costume afro-brasileiro, quer dizer crianças, que têm a finalidade de ser o futuro. Esses encontros preparatórios para o ENA, com o nome de ERÊ, além de terem essa potência para o futuro, vêm num momento muito bom, pois fortalecem também a luta contra a intolerância, contra o racismo, contra todas as formas de falta de respeito. E ter esse respeito com as diferenças, com as diversidades, também remete a ter respeito com a comida, com o que se planta, com o que se colhe, com as políticas que fazemos. Assim, cabe a nós abastecer os ERÊs com boas falas, boas construções, pois isso tudo vai voltar pra gente no futuro, da mão desses ERÊs. O ERÊ é a resposta de muitos problemas, é a solução para vários caminhos que estão se bloqueando. Então, o ERÊ vai ser prazeroso, vai ser doce, mas também de grande responsabilidade. É um momento de formações que têm que ser concretas e firmes, que têm que ser pensadas de forma circular, como o nosso povo e os nossos costumes são.

Pai Ricardo de Moura, zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente,
em Belo Horizonte (MG)



** Devido a atrasos na liberação de recursos do projeto que viabilizaria o Encontro Regional de Agroecologia da Amazônia, tornou-se impossível realizá-lo antes do IV ENA. No entanto, a intensa mobilização feita para a organização do evento foi fundamental para a participação de uma grande e engajada delegação dos estados da região no IV ENA. O Encontro Regional acabou sendo realizado em novembro de 2018, valorizando os aprendizados do IV ENA e conectando-os com as reflexões sobre os desafios políticos do país e da região decorrentes da ascensão da extrema-direita nas eleições presidenciais de outubro de 2018.*

BELO HORIZONTE (MG)



“O ERÊ Sudeste foi um importante momento de experimentação de metodologias e ferramentas de mobilização indicadas para o IV ENA, sobretudo no sentido de provocar maior interação e diálogo sobre a agroecologia com a sociedade. O conjunto de atividades proposto caminhou nessa direção e contribuiu para a divulgação do IV ENA no território que o acolheu. O ERÊ também possibilitou a ocupação de espaços públicos cotados para a realização do ENA e um maior entendimento sobre os desafios logísticos para a realização de um grande encontro em uma capital.

Lorena Anahi, Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (MG)

CHAPECÓ (SC)



“No Sul, chamamos o encontro preparatório para o IV ENA de ERA-Sul (Encontro Regional do Sul). Dentre os aprendizados que tiramos desta experiência, certamente está a necessidade de compreendermos toda a complexidade que é o processo de articulação em prol de algo maior, como a agroecologia. Ao mesmo tempo, tivemos oportunidade de dar visibilidade aos processos agroecológicos que ocorrem no litoral da região Sul, como o das pescadoras artesanais. O Encontro Regional nos oportunizou (re)encontrar pessoas históricas no movimento e também conhecer novos sujeitos que estão protagonizando as experiências agroecológicas na região, lideradas especialmente pelas juventudes! Foi algo que nos alimentou por inteiro!

Islândia Bezerra, Departamento de
Nutrição/Universidade Federal do Paraná (UFPR)
e Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)

BRASÍLIA (DF)



“Sempre conseguimos realizar eventos estaduais, mas foi a primeira vez que reunimos representantes de todos os estados do Centro-Oeste para levar os debates da região para o ENA. Esse sempre foi um desafio. Entendemos que a agroecologia se faz de forma coletiva. Por isso, é importante fazer encontros, debates e intercâmbios de saberes entre os territórios.

Fátima Aparecida Moura (Cidinha), Fase (MT)

RECIFE (PE)



“O ERÊ Nordeste foi uma oportunidade de buscar convergências com outras organizações que não fazem parte diretamente do campo agroecológico, mas entendem a agroecologia como importante para a construção de um novo paradigma de desenvolvimento. Não há agroecologia sem diálogo com os movimentos urbanos e de cultura popular, as redes e os movimentos feministas, os coletivos de comunicação, os povos indígenas e os povos e comunidades tradicionais, entre outros.

Alexandre Pires, Centro Sabiá (PE)

BELÉM E ABAETETUBA (PA)



“Campo e cidade são apenas endereços diferentes com lutas iguais. Nesse momento de incertezas políticas, precisamos refundar nossa maneira de resistir. O Encontro Regional da Amazônia foi um marco para essa reconexão.”

Fábio Pacheco, Associação Agroecológica Tijupá (MA)

MOBILIZAÇÃO NAS REGIÕES

A mobilização para a participação no IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) foi descentralizada. Pessoas indicadas para o papel de antenas regionais ficaram encarregadas de liderar a mobilização nas cinco regiões do país e a organização dos encontros regionais preparatórios ao Encontro.

Nos estados onde existiam redes/articulações estaduais de agroecologia, coube a esses espaços organizativos a definição de quem seriam as/os antenas estaduais e a mobilização das delegações para participação nos encontros regionais e no IV ENA. Onde não havia processos de articulação mais estruturados em torno da agroecologia, a definição das/os antenas se deu a partir da identificação de organizações atuantes nos estados, que se propuseram a desempenhar esse papel de articulação. No total, 51 pessoas assumiram o papel de antenas em todos os estados do Brasil e no Distrito Federal.

Os encontros regionais contaram com a participação de delegações de todos os estados. Nesses encontros, além de terem sido debatidos os temas mobilizadores do IV ENA à luz do seu lema, foi definida a quantidade de vagas que seriam destinadas a cada estado (a partir do número de vagas por região, definido previamente pela Comissão Executiva Nacional) e foi reafirmado o conjunto de **critérios para o preenchimento das vagas: 70% de agricultoras/es, povos indígenas e populações tradicionais; pelo menos 50% de mulheres; e pelo menos 30% de jovens.** As demais vagas poderiam ser preenchidas por representantes de organizações de assessoria, comunicadoras/es, professoras/es, pesquisadoras/es, estudantes, consumidoras/es, representantes de movimentos urbanos e artistas populares.

A partir desses critérios, coube às/aos antenas estaduais organizar o processo de indicação de quais seriam as pessoas a compor as delegações de cada estado, bem como liderar o processo de organização da ida dessas delegações para o IV ENA. Coube ainda aos estados, liderados por suas/seus antenas, a mobilização de recursos ou parcerias para viabilizar o transporte das delegações até Belo Horizonte (MG) e o retorno para os estados.

A comunicação entre a Comissão Organizadora Nacional e as/os antenas se deu inicialmente por grupo de *e-mail*. Próximo à data do Encontro, foi criado um grupo de WhatsApp para agilizar os diálogos sobre informes, dúvidas e, até mesmo, para monitorar a saída

das delegações dos estados e a chegada a Belo Horizonte. Foi, inclusive, por meio do grupo de WhatsApp que vieram os incentivos e as confirmações que afastaram as incertezas sobre a realização do IV ENA devido à greve das/os caminhoneiras/os. Um fato marcante desse processo foi a mensagem enviada pela delegação de Rondônia, a mais distante a se deslocar de ônibus para Belo Horizonte:

“*A delegação de Rondônia saiu de Porto Velho rumo ao IV ENA. Percorrerá 3.000 quilômetros levando mulheres, homens, jovens e crianças, agricultoras e agricultores familiares, camponesas e camponeses, extrativistas e indígenas da etnia Arara. **A delegação leva na bagagem saberes, sonho e teimosia. A esperança vai à nossa frente, na Caravana da Agroecologia.***”

José Aparecido, agricultor e cantor popular

A perseverança da delegação do Piauí às vésperas do Encontro foi outro exemplo estimulante. As/os piauienses perderam o apoio do governo para o transporte a Belo Horizonte por causa dos registros de desabastecimento dos postos de combustíveis e do risco de ficarem na estrada. Diante dessa situação, muitas/os participantes desistiram, mas, mesmo faltando dois dias para a partida para Minas Gerais, as/os antenas conseguiram reorganizar a delegação.

As/os antenas tiveram também um papel importante durante o IV ENA, apoiando a logística de hospedagem das/os participantes e orientando-as/os sobre as diversas atividades paralelas que aconteciam durante o evento.

A mobilização para o IV ENA contou ainda com o empenho da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) em convidar e organizar a participação de representantes de movimentos sociais, redes, fóruns e articulações nacionais e internacionais, assim como gestoras/es de órgãos públicos.



DICAS E APRENDIZADOS



- ▶ O crescimento do movimento agroecológico coloca grandes desafios para o acolhimento, em eventos nacionais, da diversidade de organizações, movimentos e coletivos envolvidos na construção da agroecologia em todas as partes do país. Apesar da enorme demanda por vagas vinda de todos os grupos, a garantia de participação de no mínimo 70% de agricultoras/es e representantes de povos e comunidades tradicionais é essencial para que as experiências sejam o ponto de partida e o ponto de chegada dos processos de discussão do Encontro Nacional de Agroecologia (ENA).
- ▶ Em algumas regiões, os esforços não foram suficientes para o envolvimento efetivo da diversidade de atores sociais nas delegações do IV ENA, conforme orientação da Comissão Organizadora Nacional — por exemplo, contemplando insuficientemente a presença de indígenas e quilombolas.
- ▶ Apesar da promoção de diálogos entre campo e cidade ter sido uma prioridade, na prática, em alguns casos, houve restrições à participação de movimentos sociais urbanos, artistas populares e/ou comunicadoras/es em função do número limitado de vagas por estado.
- ▶ A indicação de duas pessoas para o papel de antena em cada estado pode ser uma estratégia importante para lidar com situações de eventual dificuldade de dedicação por determinados períodos do processo de preparação do ENA. A escolha dessas pessoas deveria levar em conta o perfil de articulação política a ser desempenhado no estado e na conexão entre a Comissão Organizadora Nacional e as dinâmicas estaduais; e a necessidade de envolvimento intenso no desempenho de tarefas operativas, inclusive durante os dias do evento nacional.
- ▶ O limite de recursos disponíveis era um desafio para a realização do IV ENA, mas foi superado com o envolvimento de um grande número de pessoas. Além das/os profissionais que se voluntariaram em diversas tarefas nas supercomissões ou que prestaram serviços por um valor bem abaixo do que costumam receber, é importante mencionar o empenho de algumas pessoas que mobilizaram recursos nos seus estados para garantir a realização de atividades preparatórias e viabilizar o transporte das/os participantes até Belo Horizonte (MG).

MOBILIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE

Em Belo Horizonte (MG), o processo preparatório para o IV ENA fez valer a força do diálogo e da mobilização coletiva para construir diferentes formas de ação e comunicação com a cidade. Essas ações contribuíram para a consolidação de parcerias e para a visibilidade da convergência da agroecologia com diferentes temáticas e dinâmicas de resistência e de luta a favor da democracia. Além do ERÊ Sudeste, que aconteceu na capital mineira e já foi citado neste caderno, destacamos a seguir outras atividades preparatórias que nos ajudam a explicitar a riqueza e a diversidade do processo que antecedeu o IV ENA.

O GRANDE BLOCO DO ENCONTRO



A proposta de construção d'O Grande Bloco do Encontro surgiu em um trabalho de grupo sobre Comunicação e Cultura durante uma reunião da Comissão Organizadora Estadual. A intenção foi realizar uma ação que possibilitasse comunicar e sensibilizar a sociedade sobre a chegada do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) na cidade de Belo Horizonte e que visibilizasse a cultura agroecológica.

Juntamente com a Secretaria Executiva do Encontro, dois integrantes de movimentos de Carnaval de luta de Belo Horizonte iniciaram a construção do *Bloco*, agregando à proposta inicial a ideia de desenvolver essa iniciativa em parceria com alguma ação coletiva que reivindica a efetivação do direito à cidade em Belo Horizonte. Orientados por esses objetivos, foi realizada uma reunião com lideranças e integrantes do movimento *Parque Já*, que luta contra a especulação imobiliária e pela implementação do Parque Jardim América, na região oeste da capital mineira. Nesse encontro, também estiveram presentes representantes de blocos de Carnaval dessa região de Belo Horizonte.

Foram realizados quatro ensaios, um por semana, no espaço do viaduto na Avenida Silva Lobo, próximo à área verde na qual se busca implementar o Parque Jardim América e na região de onde saiu *O Grande Bloco do Encontro*.



Confira aqui um vídeo do ensaio d'O Grande Bloco do Encontro:
<https://www.youtube.com/watch?v=BQ947uDoKg4>

E, aqui, um vídeo da apresentação d'O Grande Bloco do Encontro:
<https://www.youtube.com/watch?v=jK0H1y4suSw>

OFICINAS

As oficinas de mobilização para o IV ENA realizadas em Belo Horizonte foram abertas ao público e buscaram movimentar espaços, promover discussões e construir diálogos a partir das práticas e dos intercâmbios de saberes entre as/os participantes. Entre as oficinas realizadas, duas se destacaram:

OFICINA DE REPELENTE NATURAL

A oficina de produção de repelente natural, que aconteceu como parte da programação do *Mercado Vivo + Verde*, criou um espaço para a troca de conhecimentos entre as/os participantes, ao mesmo tempo que anunciou a chegada do IV ENA na cidade. A oficina também representou a materialização, em uma atividade prática, da parceria da organização do IV ENA com outras dinâmicas sociais da cidade que atuam na perspectiva da agroecologia. O *Mercado Vivo + Verde* é um movimento organizado no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, que busca pautar a ocupação de um mercado distrital que se encontra inativo, transformando-o em um espaço de promoção da cultura popular e da agroecologia.

OFICINA DE ORNAMENTAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL

Os adereços de ornamentação e comunicação visual utilizados no Parque Municipal de Belo Horizonte durante o IV ENA foram construídos, em sua maioria, a partir de materiais recicláveis e/ou de baixo custo (jornal, papel e outros), dando destaque a elementos da cultura popular, como estandartes e bandeirinhas. O material foi confeccionado de forma artesanal em parceria com catadoras/es de materiais recicláveis e estudantes da Escola de Belas Artes da UFMG, por meio de mutirões em diferentes espaços (incluindo centros culturais públicos de Belo Horizonte).



Croquis iniciais criados por Mauricio Leonard (arquiteto e professor da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP) para planejamento da orientação do IV ENA



AGROECOLOGIA VAI À PRAÇA

A partir de uma parceria com o museu Espaço do Conhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a agroecologia e o IV ENA chegaram à Praça da Liberdade, um espaço público localizado na região centro-sul de Belo Horizonte. Na perspectiva do diálogo com a cidade, foram realizadas duas apresentações de curtas e fotografias sobre práticas agroecológicas, projetadas na fachada principal do prédio do Espaço do Conhecimento. Como as projeções eram visualizadas da Praça da Liberdade, foi possível realizar simultaneamente piqueniques e oficinas, o que despertou o interesse de mais pessoas que circulavam pelo local. As atividades, chamadas de *Agroecologia Vai à Praça*, aconteceram nos dias 20 de março e 11 de maio de 2018; foram abertas, gratuitas e divulgadas nos canais digitais de organizações parceiras.

AGROECOLOGIA VAI AO CINEMA

No dia 27 de abril de 2018, foi realizada no MIS Cine Santa Tereza, um cinema público de Belo Horizonte, uma exibição de produções audiovisuais relacionadas à agroecologia e ao contexto socioeconômico brasileiro. A atividade, que foi mais um momento de mobilização para o IV ENA, promoveu também um diálogo com Aparecida Ana de Arruda Vieira (Tantinha), agricultora urbana, raizeira e idealizadora do Ervanário São Francisco de Assis; com Dona Jovita Maria Correia, apanhadora de flores da Serra do Espinhaço (MG); e com Laura Barroso, técnica da ONG Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (Rede).





Os filmes exibidos no Agroecologia Vai ao Cinema:

Cultivando Saberes 1 – Experiências Agroecológicas no Jardim Produtivo

(BH/Rede de Intercâmbio – 6'03")

www.youtube.com/watch?v=B4AdNAA30a8

Cultivando Saberes 3 – Experiências Agroecológicas no Ervanário São Francisco de Assis

(BH/Rede de Intercâmbio – 8'59")

www.youtube.com/watch?v=KUDI5yltrWw

Sempre Viva

(Diamantina/Curta Agroecologia/ANA e Canal Saúde – 24'53")

www.youtube.com/watch?v=o6MGS5O4Vi8

Histórias da Fome no Brasil

(Brasil/MPC Filmes – 50')

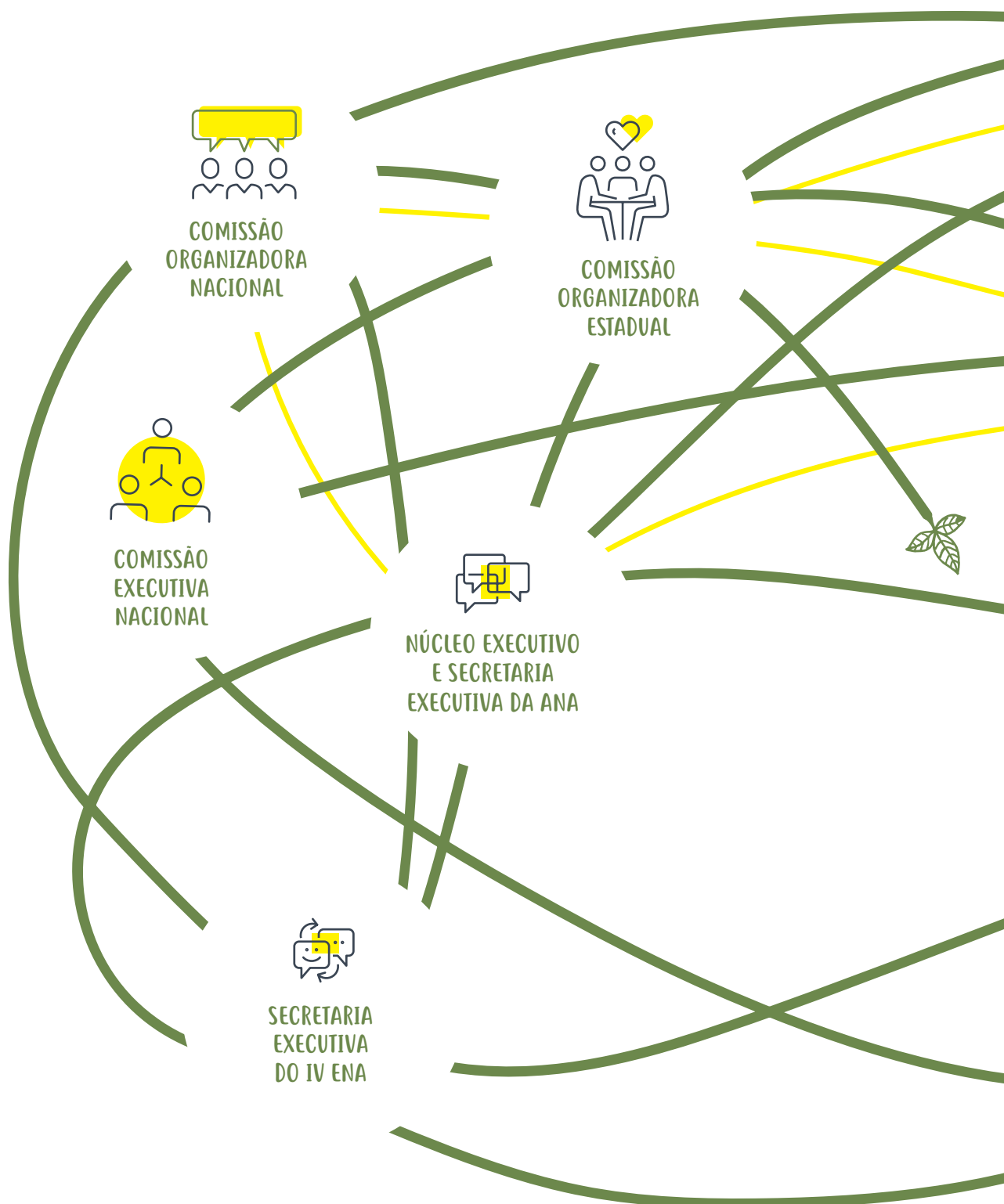
<https://www.youtube.com/watch?v=zDyk-1NGoL4>

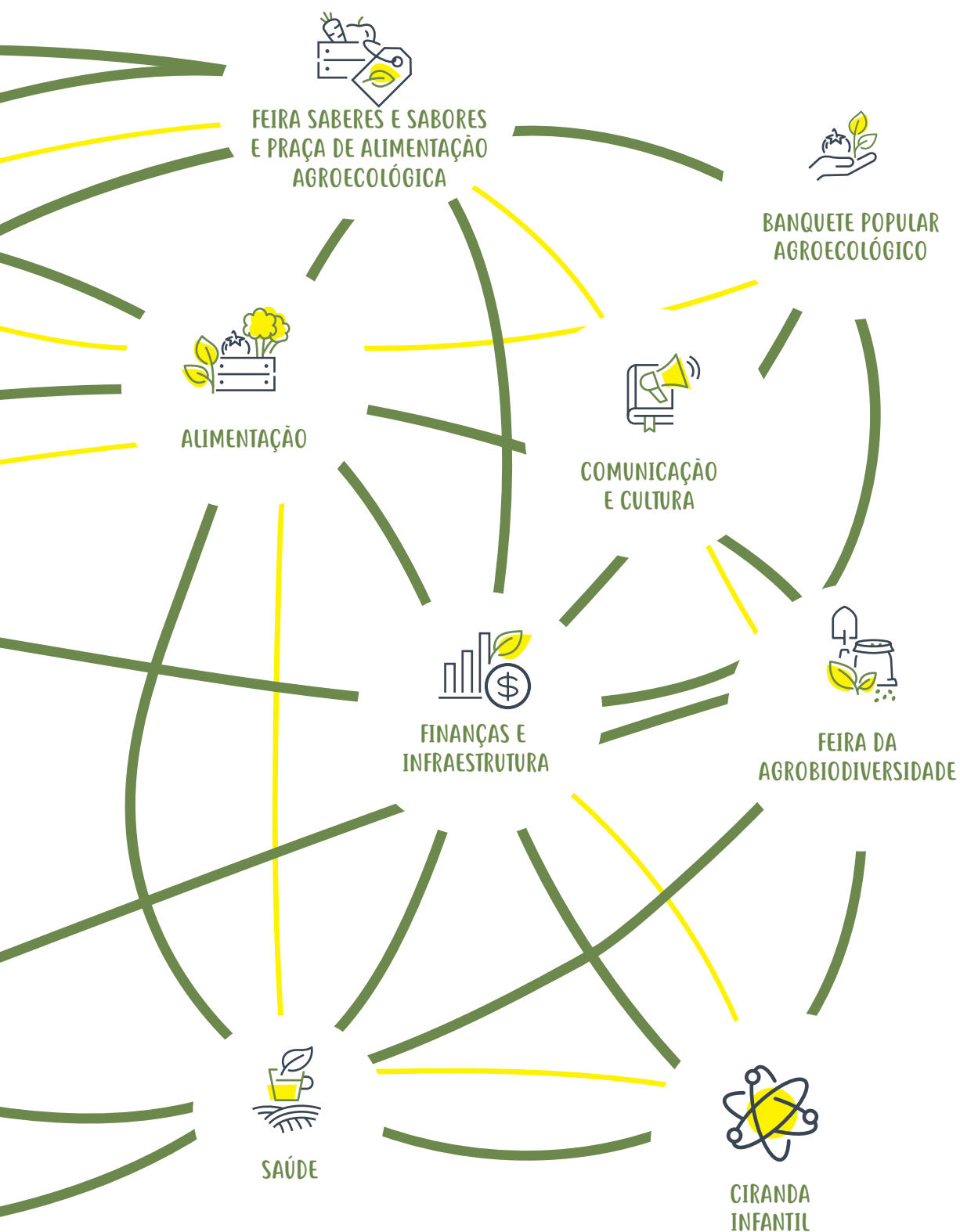
CONFECÇÃO DAS BOLSAS

As bolsas foram sonhadas para trazer cor e alegria ao IV ENA e ao mesmo tempo facilitar a organização e o transporte dos materiais entregues às/aos participantes. Também foram pensadas para estimular a ocupação dos espaços do Parque Municipal ao longo do evento e, depois dele, dos espaços públicos nos diferentes territórios do Brasil. Para isso, foram confeccionadas com tecido de chita e, quando abertas, transformavam-se em um pano para piquenique.

O processo de costura das bolsas também esteve alinhado com as diretrizes do IV ENA, referentes ao diálogo com movimentos urbanos e à valorização das iniciativas que convergem com princípios agroecológicos. Nessa perspectiva, foi realizada uma parceria com a Cooperativa de Mulheres da Ocupação Dandara, uma ocupação urbana, fruto da luta do movimento por moradia, localizada na região da Pampulha, em Belo Horizonte, que ficou com a tarefa de confeccionar as bolsas para as/os participantes do Encontro.

MAPA GERAL DAS COMISSÕES





APRENDIZADOS

SENTIR, PENSAR E AGIR

Sentir, pensar e agir foram palavras que conviveram com a construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA). Se for possível brincar com elas, deve-se acrescentar **sonhar** e **ousar**. Construir o Encontro em um contexto político tão adverso envolveu ainda superação e alegria, capazes de impulsionar o trabalho cotidiano e permitir visualizar, a cada passo dado, novos horizontes.

Realizar um ENA atravessando a maior greve de caminhoneiras/os do Brasil, na terceira maior metrópole do país, exigiu ainda fôlego, esperança e muita solidariedade. Sentir, pensar e agir são alguns dos pilares dos estudos sobre práticas educativas. No contexto do IV ENA, foram linhas transversais que permitiram reduzir as diferenças, fortalecer laços políticos e contornar limites orçamentários. Sentir, pensar e agir, conectados ao cuidado e à coerência, foram fortalezas nessa construção.

Experiências e percursos distintos foram reunidos após quatro anos do III ENA, em Juazeiro (BA). Ao redor do desafio de construir o ENA em Belo Horizonte (MG), uma equipe jovem, feminina e feminista teceu, na capital mineira, uma extensa rede de afetos e de convergência de lutas: o movimento por moradia, cicloativistas, musicistas, grupos de teatro, cozinheiras/os, terapeutas, agrofloresteiras/os, nutricionistas; e a maior cidade de bambu agroecológica se fez no coração da cidade.

Caronas de bicicleta cruzavam a capital mineira enquanto acrobacias entre tempos, paradas, malas, esperas, insistências e imprevistos faziam cada um dos ônibus das delegações chegarem ao Plug Minas e ao Parque Municipal Américo Renné Giannetti. Belo Horizonte ainda celebra e reverbera os legados do IV ENA. Seria impossível registrar todos os desafios, os agradecimentos e as histórias desse processo plural de construção. Assim, este caderno é fruto do esforço em reunir alguns breves elementos desse processo, partilhar o desenho das comissões, registrar os aprendizados e dividir com cada uma e cada um as reflexões que podem inspirar e apontar novos e outros rumos para novas caminhadas.

Para finalizar a partilha dessa memória coletiva, seguem alguns recados e aprendizados mais gerais, que transbordam as comissões e as supercomissões e que podem ser fortalezas em futuros processos de planejamento.



“A convergência de histórias, como a de uma mulher que pedalou 20 km para poder chegar ao ponto de encontro do ônibus que viria do seu estado para o IV ENA. O momento de cura das águas, marcado pela construção coletiva e pela solidariedade. A força das mulheres. Em um contexto complicado, tudo se transformou em força, positividade e energia.

Depoimento na Plenária das Mulheres do IV ENA

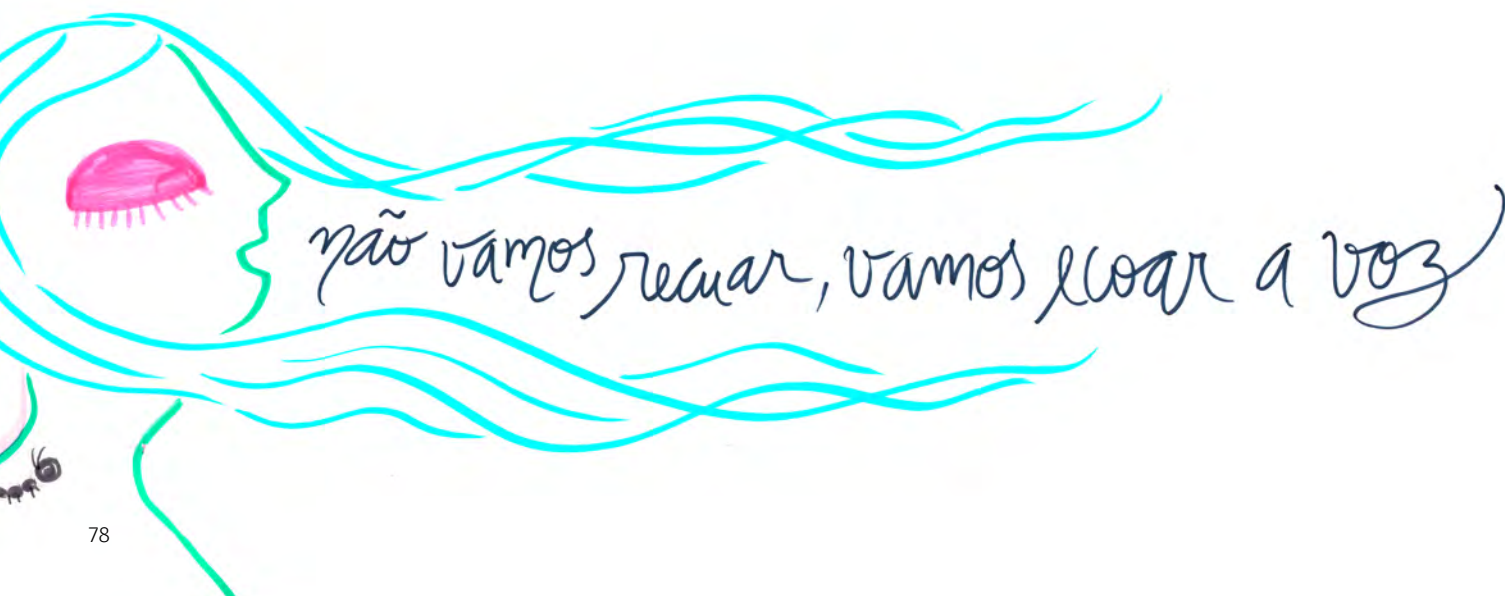
RECADOS, PARTILHAS E DESAFIOS COLETIVOS



- ▶ É preciso investir no registro coletivo dos processos: **viva a memória do trabalho coletivo!** Foi um desafio iniciar os planejamentos das comissões com poucos registros dos encontros anteriores.
- ▶ Como garantir **maior envolvimento das/os agricultoras/es** na construção do Encontro e nas comissões? O Encontro é para elas e eles ou com elas e eles?
- ▶ Como **qualificar a rede de antenas** nos estados e garantir a divisão de tarefas entre as/os membras/os da Comissão Organizadora Nacional? Como criar estratégias de renovação dessas representações nos territórios, valorizando a participação das mulheres e das juventudes?
- ▶ Há uma grande potencialidade em constituir uma comissão de bioconstrução, permacultura e gestão de resíduos desde o processo de concepção do Encontro.



- ▶ O credenciamento das/os participantes em um encontro do tamanho do ENA continua sendo um desafio e precisa ser melhorado. Confira, no Caderno 3 do IV ENA, metodologias, algumas reflexões e análises sobre a questão.
- ▶ Como garantir o cuidado com as pessoas que cuidam, que acolhem e que estão nas equipes de trabalho?
- ▶ É preciso superar os desafios relacionados às hospedagens populares em espaços públicos e investir em processos prévios de mobilização para hospedagens solidárias.
- ▶ Como seguir construindo atividades que fortaleçam a cultura, a arte e a comunicação e, ao mesmo tempo, entender que essas ações são estratégicas para o diálogo com a sociedade?
- ▶ É importante exercitar novas formas de remuneração solidária, baseada em intercâmbios e trocas, para além da monetária.
- ▶ O IV ENA mostrou a importância de desenvolver estratégias e peças de comunicação a partir de métodos simples e de fácil reprodução, como o conjunto de bandeiras que compuseram a ornamentação.
- ▶ As programações livres, abertas e flexíveis favorecem o diálogo, os encontros e as trocas de saberes. Mas, para que isso aconteça, é preciso construir coletivamente e planejar previamente as atividades que vão compor a programação.
- ▶ É evidente a potência em ressignificar e ocupar os espaços públicos da cidade com processos preparatórios abertos, culturais e com diálogo direto com a sociedade, como feiras, festivais, cineclubes, ensaios de música, oficinas em praças e telões de propaganda.



ORGANIZAÇÕES QUE CONVOCARAM O IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

MOVIMENTOS SOCIAIS E REDES NACIONAIS, REGIONAIS E ESTADUAIS

Articulação de Agroecologia da Amazônia (ANA Amazônia)
Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ)
Articulação Capixaba de Agroecologia
Articulação Mineira de Agroecologia (AMA)
Articulação Paulista de Agroecologia (APA)
Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoiname)
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib)
Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)
Articulação Tocantinense de Agroecologia (ATA)
Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)
Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco)
Associação dos Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul (Apoms)
Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida
Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq)
Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)
Comissão Pastoral da Terra (CPT)
Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Contraf Brasil)
Confederação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura (Contag)
Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS)
Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (Feab)
Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN)
Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (Gias)
GT Gênero e Agroecologia do Sudeste
Marcha Mundial das Mulheres (MMM)
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
Movimento Camponês Popular (MCP)
Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)
Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)
Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR/NE)
Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)
Pastoral da Juventude Rural (PJR)
Rede Agroecológica do Maranhão (Rama)
Rede Ater Nordeste
Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA)
Rede Cerrado
Rede de Comercialização Solidária de Agricultores Familiares e Extrativistas do Cerrado
Rede de Agroecologia Ecovida
Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (Rega Brasil)
Rede Maniva de Agroecologia (Rema)
Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA)
Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste
Rede Pernambucana de Agroecologia
Rede Sergipana de Agroecologia (Resea)
Rede de Agroecologia Terra Sem Males
União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes)

COLETIVOS E GRUPOS DE TRABALHO (GTs) DA ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA)

GT Ater
GT Biodiversidade
GT Juventudes
GT Mulheres
Coletivo de Comunicação e Cultura
Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (Cnau)

NÚCLEO EXECUTIVO DA ANA

AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia
Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase)
GT Mulheres da ANA
Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM)
Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop)
Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá
(Centro Sabiá)/Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)
Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre (Pesacre)
Associação Agroecológica Tijupá
Centro Ecológico/Rede Ecovida
Centro de Tecnologias Alternativas Populares (Cetap)/Rede Ecovida



PATROCÍNIO



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

APOIO

